

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS
DEPARTAMENTO DE BIOCÊNCIAS E SAÚDE ÚNICA
CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA

ADRIANE STRACK

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO EM CLÍNICA
MÉDICA DE PEQUENOS ANIMAIS**

CURITIBANOS

2021

ADRIANE STRACK

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO EM CLÍNICA
MÉDICA DE PEQUENOS ANIMAIS**

Relatório Apresentado ao Curso de Graduação em
Medicina Veterinária, do Centro de Ciências
Rurais, da Universidade Federal de Santa Catarina
como requisito para a obtenção do Título de
Médica Veterinária.

Orientador: Professora Dra. Marcy Lancia Pereira

CURITIBANOS

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Strack, Adriane

Relatório de Estágio Curricular Obrigatório : Clínica Médica de Pequenos Animais / Adriane Strack ; orientador, Marcy Lancia Pereira, 2021.

70 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Curitibanos, Graduação em Medicina Veterinária, Curitibanos, 2021.

Inclui referências.

1. Medicina Veterinária. 2. Clínica Médica de Pequenos Animais . 3. Estágio Curricular . 4. Hospital Veterinário . 5. Casuística . I. Lancia Pereira, Marcy . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Medicina Veterinária. III. Título.

Adriane Strack

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO EM CLÍNICA
MÉDICA DE PEQUENOS ANIMAIS**

Este relatório foi apresentado ao Curso de Graduação em Medicina Veterinária, do Centro de Ciências Rurais, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a obtenção do título de Médica Veterinária e julgado aprovado em defesa pública realizada em 14/05/2021.

Curitiba, 14 de Maio de 2021.

Prof. Malcon Andrei Martinez-Pereira, DSc.
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof^ª Marcy Lancia Pereira, Dr^ª.
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^ª Allana Valau Moreira, Especialista
Avaliadora
Universidade do Oeste Catarinense

Prof^ª Sandra Arenhart, Dr^ª.
Avaliadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Dedico este trabalho a minha família, que não mediu esforços para que meu sonho se realizasse. Amo vocês com todo meu coração!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a **Deus**, por ter permitido a realização do sonho de me tornar Médica Veterinária. Só ele sabe o quanto sou grata pela oportunidade e pela vida!

Pai, Mãe vocês me ensinaram a não desistir e fazer sempre o melhor, sou muito grata por ter vocês comigo e por realizarmos juntos esse sonho. É por vocês que cheguei até aqui e busco me tornar cada dia uma pessoa melhor. Vocês são minha força e inspiração. Amo vocês!

Mana e Adilson eu não tenho palavras para agradecer todo o apoio, não só financeiro, mas psicológico também, o carinho e acolhimento não somente nessa jornada da universidade, mas em toda a minha vida. Sem vocês nada disso seria possível. Vocês simplesmente apostaram no meu sonho e ao meu lado fizeram ele acontecer. Podem contar comigo para todo o sempre. Amo vocês!

Fai, minha amiga, irmã, cunhada, advogada, consultora... e muitos outros adjetivos que poderia usar para tentar descrever nossa relação, mas nada seria suficiente, porque você é simplesmente um pedaço de mim. Nunca esquecerei que foi por você que comecei o curso, e se cheguei até aqui foi porque você estava de mãos dadas comigo o tempo todo. Te amo mais que vinho!

Nick meu bebê, obrigada por tudo, por me entender, apoiar, ajudar com resumo de aula hehe, me fazer rir, se preocupar comigo e estar sempre ao meu lado. Obrigada por ser simplesmente a melhor pessoa do mundo. Te Amo nessa e em todas as vidas!

Junior, obrigada por me incentivar a não desistir (mesmo que sem saber hehe). O presente que você me deu no início da faculdade, me ajudou a trilhar meu caminho e realizar meu sonho. Inclusive estou usando-o para escrever essas palavras, obrigada! Foi muito bom começar essa história ao seu lado, obrigada por fazer parte dela. Te amo!

Le, minha amiga e irmã do coração, lembra que foi você quem criou o email (que eu uso até hoje) para eu fazer o vestibular?! Quem diria que ele resistiria tanto e eu também hehe. Obrigada por me apoiar e estar junto comigo nessa jornada. Te amo!

Cleiton, obrigada por toda ajuda de sempre, (principalmente tecnológica hehe), pelas conversas e dicas. Você sempre foi uma migo de verdade. Te amo!

Um agradecimento especial a **Magali** e sua família, **Mel, Vini**... Vocês foram por quatro anos minha base em Curitiba. Agradeço pelos almoços de domingo, pelas conversas, pelos socorros hehe e principalmente por acreditarem em mim e serem minha segunda família. Amo vocês!

Agradeço a **Marcy**, que não foi somente minha orientadora, mas professora, amiga,

vizinha, companheira de viagens e congressos, parceira de jantas e da vida. Você é minha inspiração, quando crescer quero ser metade da mulher que você é. Obrigada por tudo. Te amo!

Agradeço também todos os **Amigos** que fiz durante essa longa trajetória, que teve início na UniRitter em Porto Alegre, passou pela Unisul em Tubarão e terminou na UFSC em Curitibanos. Durante esse período fiz muitas amizades que levo no coração e para vida toda.

Aos amigos verdadeiros, minha eterna gratidão!

A todos os **Mestres** que me acompanharam durante a graduação, minha eterna admiração! Principalmente **Sandra e Allana** que aceitaram estar comigo nesta última etapa do curso. Vocês são mais que professoras, são referência de profissionais!

E por fim, agradeço os lugares que realizei esta, que é a etapa final e mais importante da graduação. A todos os profissionais do **Hospital Veterinário Florianópolis, Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia e Hospital Veterinário Manchinha** meu muito obrigada!!!

“O correr da vida embrulha tudo. A vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem. ”

Guimarães Rosa

RESUMO

O estágio curricular obrigatório em Medicina Veterinária proporciona uma experiência importante, sendo possível somar o conhecimento teórico adquirido durante a graduação com a prática desenvolvida no estágio. Além disso, possibilita ao discente vivenciar a realidade da área de interesse. O presente relatório tem como objetivo descrever o local, as atividades desenvolvidas, estrutura, funcionamento e a casuística dos casos acompanhados no setor de clínica médica de pequenos animais, durante estágio supervisionado realizado em três Hospitais Veterinários distintos, sendo o primeiro em um Hospital Veterinário particular em Florianópolis/SC, o segundo em um Hospital Universitário Federal em Uberlândia/MG e o terceiro em um Hospital Público em Osasco/SP.

Palavras-chave: Clínica Médica de Pequenos Animais; Hospital Veterinário; Relatório de Estágio Curricular.

ABSTRACT

The mandatory curricular internship in Veterinary Medicine provides an important experience, being possible to add the theoretical knowledge acquired during the graduation with the practice developed in the internship. In addition, it allows the student to experience the reality of the area of interest. The purpose of this report is to describe the location, the activities developed, structure, functioning and the casuistry of cases followed up in the small animal medical clinic sector, during a supervised internship carried out in three different Veterinary Hospitals, the first being in a private Veterinary Hospital in Florianópolis/SC, the second in a Federal University Hospital in Uberlândia/MG and the third in a Public Hospital in Osasco/SP.

Keywords: Small Animal Medical Clinic; Veterinary Hospital; Curricular Internship Report.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fachada do Hospital Veterinário Florianópolis	18
Figura 2 - Recepção do Hospital Veterinário Florianópolis	19
Figura 3 - Laboratório Clínico do Hospital Veterinário Florianópolis	19
Figura 4 - Consultório Padrão do Hospital Veterinário Florianópolis	20
Figura 5 - Sala de Radiologia do Hospital Veterinário Florianópolis	20
Figura 6 - Sala de Emergência do Hospital Veterinário Florianópolis	21
Figura 7 - Sala dos Médicos do Hospital Veterinário Florianópolis	22
Figura 8 - Gatil do Hospital Veterinário Florianópolis	22
Figura 9 - Canil 1 do Hospital Veterinário Florianópolis	23
Figura 10 - Canil 2 do Hospital Veterinário Florianópolis	24
Figura 11 - Bancada dos Auxiliares Veterinários do Hospital Veterinário Florianópolis	24
Figura 12 - Internação Doenças Infectocontagiosas do Hospital Veterinário Florianópolis .	25
Figura 13 - Sala de Esterilização do Hospital Veterinário Florianópolis	26
Figura 14 - Sala de Preparo Cirúrgico do Hospital Veterinário Florianópolis	26
Figura 15 - Sala de Indução Anestésica do Hospital Veterinário Florianópolis	27
Figura 16 - Centro Cirúrgico do Hospital Veterinário Florianópolis	28
Figura 17 - Sala de Tomografia do Hospital Veterinário Florianópolis	28
Figura 18 - Fachada do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia	30
Figura 19 - Recepção do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia	31
Figura 20 - Sala de Triagem do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia.....	31
Figura 21 - Consultório 1 do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia...	32
Figura 22 - Consultório Padrão do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia	32
Figura 23 - Consultório de Especialidades do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia	33
Figura 24 - Serviço de Oncologia do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia	33

LISTA DE FIGURAS

Figura 25 - Internação do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia	34
Figura 26 - Canil do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia	35
Figura 27 - Gatil do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia	35
Figura 28 - Internação Doenças Infectocontagiosas do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia	36
Figura 29 – Farmácia do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia	37
Figura 30 – Fachada do Laboratório Clínico do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia	37
Figura 31 - UTI do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia	38
Figura 32 - Sala dos Residentes do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia	39
Figura 33 - Sala de Reunião dos Residentes do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia	39
Figura 34 - Sala de Radiologia do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia	40
Figura 35 - Sala de Ultrassom do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia	40
Figura 36 - Área Externa do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia	41
Figura 37 - Fachada do Hospital Veterinário Público de Osasco - Unidade Manchinha	43
Figura 38 - Recepção do Hospital Veterinário Público de Osasco - Unidade Manchinha	44
Figura 39 - Consultório 2 do Hospital Veterinário Público de Osasco - Unidade Manchinha	44
Figura 40 - Sala de Enfermagem do Hospital Veterinário Público de Osasco - Unidade Manchinha	45
Figura 41 - Sala de Medicções do Hospital Veterinário Público de Osasco - Unidade Manchinha	46
Figura 42 - Centro Cirúrgico do Hospital Veterinário Público de Osasco - Unidade Manchinha	47

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Casuística dos atendimentos acompanhados, separados por espécie e sexo, durante o período de estágio	49
Tabela 2 – Casuística dos pacientes caninos separados por raça, acompanhados durante o período de estágio	50
Tabela 3 – Casuística dos pacientes felinos separados por raça, acompanhados durante o período de estágio	51
Tabela 4 – Casuística separada por sistema ou especialidade acompanhada durante o período de estágio	51
Tabela 5 – Afecções por doenças infecciosas e parasitárias acompanhadas durante o período de estágio	52
Tabela 6 – Afecções do sistema digestório acompanhadas durante o período de estágio	54
Tabela 7 – Atendimentos oncológicos acompanhados durante o período de estágio	55
Tabela 8 – Afecções do sistema tegumentar acompanhadas durante o período de estágio	56
Tabela 9 – Afecções do sistema urinário acompanhadas durante o período de estágio	57
Tabela 10 – Afecções do sistema nervoso acompanhadas durante o período de estágio	58
Tabela 11 – Afecções do sistema musculoesquelético acompanhadas durante o período de estágio.....	59
Tabela 12 - Afecções do sistema cardiovascular acompanhadas durante o período de estágio.....	60
Tabela 13 - Afecções do sistema reprodutor acompanhadas durante o período de estágio	61
Tabela 14 - Afecções do sistema visual acompanhadas durante o período de estágio	62
Tabela 15 - Afecções do sistema respiratório acompanhadas durante o período de estágio ...	63
Tabela 16 - Afecções do sistema endócrino acompanhadas durante o período de estágio	64
Tabela 17 – Outros atendimentos acompanhados durante o período de estágio	65

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANCLIVEPA	Associação Nacional de Clínicos Veterinários de Pequenos Animais
CGEF	Complexo Gengivite Estomatite Faringite Felina
CMHF	Cardiomiopatia Hipertrofica Felina
CRF	Complexo Respiratório Felino
DIBEA	Diretoria de Bem-Estar Animal
DDIV	Doença do Disco Intervertebral
DMVM	Degeneração Mixomatosa da Valva Mitral
DMVT	Degeneração Mixomatosa da Valva Tricúspide
DRC	Doença Renal Crônica
DTUIF	Doença do Trato Urinário Inferior felino
FAST	Focused Assessment with Sonography for Trauma
FeLV	Vírus da Leucemia Felina
FIV	Vírus da Imunodeficiência Felina
HVF	Hospital Veterinário Florianópolis
HVM	Hospital Veterinário Manchinha
HVPO-UM	Hospital Veterinário Público de Osasco Unidade Manchinha
HVUFU	Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia
IPE	Insuficiência Pancreática Exócrina
IM	Intramuscular
IRA	Insuficiência Renal Aguda
ITU	Infecção do Trato Urinário
IV	Intravenoso
MPA	Medicação Pré-Anestésica
PCR	Reação em Cadeia da Polimerase
PIF	Peritonite Infecciosa Felina
SBT	Sistema Brasileiro de Televisão
SC	Subcutânea
SDC	Síndrome da Disfunção Cognitiva
SRD	Sem Raça Definida
SUD	Síndrome Uveodermatológica
SV	Síndrome Vestibular
TCE	Trauma Cranioencefálico
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UTI	Unidade de Terapia Intensiva

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	16
2	OBJETIVO.....	17
3	CONCEDENTES.....	18
	3.1 HOSPITAL VETERINÁRIO FLORIANÓPOLIS – FLORIANÓPOLIS/SC.....	18
	3.1.1 Descrição Física do Local.....	19
	3.1.2 Atividades Desenvolvidas.....	29
	3.2 HOSPITAL VETERINÁRIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA – UBERLÂNDIA/MG.....	29
	3.2.1 Descrição Física do Local.....	30
	3.2.2 Atividades Desenvolvidas.....	41
	3.3 HOSPITAL VETERINÁRIO PÚBLICO DE OSASCO/UNIDADE MANCHINHA – OSASCO/SP.....	42
	3.3.1 Descrição Física do Local.....	43
	3.3.2 Atividades Desenvolvidas.....	47
4	CASUÍSTICA E DISCUSSÃO.....	49
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	67

1 INTRODUÇÃO

O estágio curricular obrigatório do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Santa Catarina acontece na décima fase do curso, onde o graduando deve cumprir 450 horas de estágio na área de seu interesse. Neste período é possível somar o conhecimento teórico adquirido durante a graduação com a prática desenvolvida no estágio, o que possibilita ao graduando adquirir experiência e vivenciar na prática a rotina da área escolhida.

O presente relatório descreve o período de estágio, que foi realizado em três hospitais diferentes. O intuito de realizar em lugares distintos foi uma escolha proposital, pois a diferença entre as concedentes não somente se dá por se tratar de cidades e estados diferentes, mas também pela conduta e interesses desenvolvidos em cada lugar.

O primeiro local escolhido foi o Hospital Veterinário Florianópolis, uma empresa privada situada em Florianópolis SC, onde foi realizado um total de 160 horas de estágio do dia 04 a 29 de janeiro de 2021, sendo o médico veterinário Mateus Rychescki nomeado supervisor.

O segundo local de estágio foi o Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia em Minas Gerais, totalizando 143 horas de estágio no período de 01 a 26 de fevereiro de 2021, tendo como supervisora a professora Dra. Sofia Borin Crivellenti.

O terceiro e último local foi o Hospital Veterinário Público de Osasco - Unidade Manchinha, na cidade de Osasco no estado de São Paulo. Como Supervisor o Médico Veterinário Luiz Wilson de Oliveira, o qual somou um total de 168 horas de estágio no período de 04 de março a 01 de abril de 2021.

Para melhor compreensão do presente trabalho, primeiro serão descritos estrutura e funcionamento dos três hospitais onde foram realizados os estágios e as atividades desenvolvidas em cada lugar, para, após, comparar as casuísticas acompanhadas dentro da área de Clínica Médica de Pequenos Animais.

2 OBJETIVO

O presente trabalho tem como objetivo geral relatar as atividades desenvolvidas nos três hospitais veterinários acompanhados pela graduanda durante a realização do estágio curricular obrigatório em Medicina Veterinária.

Como objetivos específicos, têm-se descrever os locais, a estrutura e a forma de funcionamento desses hospitais, assim como, detalhar a casuística acompanhada na área de clínica médica de pequenos animais, comparando e discutindo as doenças mais frequentes em cada local.

3 CONCEDENTES

3.1 HOSPITAL VETERINÁRIO FLORIANÓPOLIS – FLORIANÓPOLIS /SC

Com o nome fantasia Hospital Veterinário Florianópolis (HVF) a Clínica Veterinária e Centro de Pesquisa Florianópolis LTDA localiza-se na Rua João Cruz e Silva nº 91, bairro Estreito no município de Florianópolis no estado de Santa Catarina (Figura 1).

Premiado pela revista PetCenter, a empresa está no ranking dos 50 maiores e mais completos hospitais veterinários do Brasil. Possui atendimento e internação 24 horas, laboratório clínico, raio x, ultrassonografia, tomografia computadorizada e tratamento com células tronco.

O estabelecimento é referência em atendimento em clínica médica e cirúrgica de cães e gatos. Conta também com especialidades como cardiologia, nefrologia e neurologia, além de atendimento clínico e cirúrgico de animais silvestres e exóticos .

Ao todo, 29 profissionais trabalham no local, entre eles médicos veterinários, auxiliares veterinários, auxiliares de limpeza, recepcionistas e administradores.

O Hospital Veterinário Florianópolis participa de um programa na rede de televisão comercial, denominada Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), que vai ao ar todo sábado às 10h. Com o nome SOS Hospital Pet o programa tem seus episódios gravados dentro do hospital e retratam a rotina de atendimentos e o dia a dia da equipe.

Figura 1 - Fachada do Hospital Veterinário Florianópolis.



Fonte: Autor, 2021.

3.1.1 Descrição Física do Local

O Hospital Veterinário Florianópolis possui uma recepção (Figura 2) onde laboram duas recepcionistas, em escalas de revezamento com jornada de trabalho de 12 x 24 horas.

Elas são responsáveis pelos cadastramentos dos tutores e seus animais que aguardam atendimento veterinário, bem como, pelos atendimentos de telefone, whats app e e-mails. A recepção possui dois sanitários, sendo um para uso masculino e outro para uso feminino, assim como uma loja, onde são vendidos medicamentos, rações, e acessórios pets. (Figura 2).

Anexo a recepção fica o laboratório (Figura 3) onde são realizados exames de rotina, tais como hemograma, bioquímico, pesquisa de hemoparasitas e testes rápidos (imunocromatográficos). (Figura 3).

Figura 2 - Recepção do Hospital Veterinário Florianópolis.



Fonte: Autor, 2021.

Figura 3 - Laboratório Clínico do Hospital Veterinário Florianópolis.



Fonte: Autor, 2021.

O Hospital Veterinário de Florianópolis possui três consultórios veterinários (Figura 4), eles apresentam organização e estrutura similar entre si.

Todos são providos de ar condicionado, mesa com cadeiras para acomodação do médico veterinário e dos tutores. Ainda, uma pia para higienização das mãos, lixeiras para lixo comum e hospitalar, coletores de materiais perfurocortantes, armários onde são guardados os materiais necessários para o atendimento e triagem dos animais e uma mesa para a realização dos exames físicos.

Figura 4 - Consultório Padrão do Hospital Veterinário Florianópolis.



Fonte: Autor, 2021

A sala de Radiologia (Figura 5) conta com aparelho de raio x digital, computador, mesa para posicionamento do paciente além de todo equipamento de segurança e proteção necessária contra a radiação.

Figura 5 - Sala de Radiologia do Hospital Veterinário Florianópolis.



Fonte: Autor, 2021

A sala de emergência (Figura 6) e coleta de materiais biológicos possui uma pia para higienização das mãos, materiais necessários para a realização dos acessos venosos dos animais (máquina de tricotomia, cateter e esparadrapo), utensílios de uso hospitalar comum, como seringas, agulhas, luvas, tubos para coleta, álcool e iodo. Possui ainda um aparelho de anestesia inalatório e medicamentos utilizados em casos de emergência.

Neste espaço são realizados também os exames de Ultrassonografia e Eletrocardiograma.

Figura 6 - Sala de Emergência do Hospital Veterinário Florianópolis.



Fonte: Autor, 2021

A sala dos médicos do Hospital Veterinário Florianópolis (Figura 7) é um local onde os profissionais discutem casos, preenchem prontuários, liberam alta dos pacientes e realizam receitas ou prescrições quando necessário. Eles utilizam um sistema para gestão de clínicas veterinárias denominado SimpleVet. Neste local também estão as imagens do circuito fechado de segurança de todo o hospital que é feito através de câmeras de segurança.

Figura 7- Sala dos Médicos do Hospital Veterinário Florianópolis.



Fonte: Autor, 2021

O gatil (Figura 8) dispõe de oito baias separadas, fabricadas com material resistente e de fácil higienização. Possui ar condicionado, pia para higienização das mãos, armários onde são guardados utensílios como caixa de areia, potes de comida e de água e materiais de uso hospitalar. Possui também uma mesa onde são realizados os procedimentos nos felinos internados.

Figura 8 - Gatil do Hospital Veterinário Florianópolis.



Fonte: Autor, 2021

O Hospital Veterinário Florianópolis dispõe de dois canis (Figuras 9 e 10), sendo o primeiro o mais utilizado e é neste onde ficam os pacientes que necessitam de um maior monitoramento.

O segundo canil é usado apenas quando todas as baias do primeiro canil estão ocupadas.

Ambos possuem ar condicionado, uma mesa onde é realizada a manipulação dos cães internados, assim como lixeiras para descarte de lixo comum e hospitalar, coletor de materiais perfurocortantes, e todo material hospitalar necessário para a realização das atividades.

Ao todo, 15 baias são destinadas aos animais, elas não possuem contato entre si e cada baia é identificada com o nome do animal, o veterinário responsável, a condição clínica do paciente e se esse precisa de algum cuidado especial, como por exemplo ração terapêutica, ou jejum. Anexos às baias ficam os prontuários de cada paciente, que contêm os medicamentos que devem ser administrados, juntamente com a dose, horário e a via de administração e somente os médicos veterinários, auxiliares veterinários e estagiários têm acesso.

O primeiro canil conta ainda com cilindro de oxigênio, o qual é usado em casos onde o paciente apresenta dificuldade respiratória e bombas de infusão para controle das soluções utilizadas. Dispõe também de uma pia de inox ampla com água aquecida onde são realizados banhos nos pacientes que necessitam.

Figura 9 - Canil 1 do Hospital Veterinário Florianópolis.



Fonte: Autor, 2021

Figura 10 - Canil 2 do Hospital Veterinário Florianópolis.



Fonte: Autor, 2021

Em frente ao primeiro canil tem uma antessala com armários que é usada para acomodar os medicamentos e materiais utilizados na rotina, além de cobertores, ração, comedouros e tapetes higiênicos que são utilizados pelos pacientes internados. Possui também uma geladeira onde são colocados os medicamentos que necessitam de resfriamento.

Os auxiliares veterinários utilizam esse local para manusear as medicações, assim como, para acessar os prontuários dos internados e conferir as prescrições e anotações quando é efetuada alguma atividade (Figura 11).

Figura 11- Bancada dos Auxiliares Veterinários do Hospital Veterinário Florianópolis.



Fonte: Autor, 2021

Na sala destinada a pacientes com doenças infectocontagiosas (Figura 12), são mantidos os felinos positivos para o Vírus da Imunodeficiência Felina (FIV) ou Vírus da Leucemia Felina (FeLV) e os caninos positivos para parvovírus canino. Ainda, os animais com diagnóstico ou suspeita de cinomose, não são aceitos na internação.

Esta sala conta com quatro baias separadas e todo o material necessário para os atendimentos dos internados, como por exemplo, bandejas higiênicas para gatos, pote de comida e de água sendo que esses possuem coloração diferente para evitar a contaminação dos animais saudáveis.

Figura 12 - Internação Doenças Infectocontagiosas do Hospital Veterinário Florianópolis.



Fonte: Autor, 2021

A sala de esterilização (Figura 13) conta com bancada para estoque dos materiais já esterilizados, pia para lavagem dos materiais cirúrgicos, duas autoclaves e duas estufas que são utilizadas para esterilização dos materiais além de uma seladora manual que serve para selar as caixas cirúrgicas.

Figura 13- Sala de Esterilização do Hospital Veterinário Florianópolis.



Fonte: Autor, 2021

Na sala de preparo cirúrgico (Figura 14), o cirurgião e sua equipe realizam a antisepsia das mãos e braços, assim como é realizada a paramentação. Essa sala possui um lavatório acionado por pedal, um armário contendo materiais para paramentação como luvas, capotes e materiais cirúrgicos estéreis, além de cestos para descarte de roupas e campos cirúrgicos usados.

Figura 14 - Sala de Preparo Cirúrgico do Hospital Veterinário Florianópolis.



Fonte: Autor, 2021

Na sala de indução anestésica (Figura 15) ocorre a preparação dos animais para o procedimento cirúrgico. Nesta sala se realizam acesso venoso, medicação pré-anestésica (MPA), tricotomia (retirada dos pelos da área necessária para realização da cirurgia) e a intubação dos animais com o auxílio do laringoscópio para que estes possam ser levados ao

centro cirúrgico.

Figura 15 - Sala de Indução Anestésica do Hospital Veterinário Florianópolis.



Fonte: Autor, 2021

O centro cirúrgico (Figura 16) é composto de um carrinho com aparelho de anestesia inalatório, um monitor multiparâmetro de sinais vitais, uma mesa e foco cirúrgico, armários com materiais de uso hospitalar, lixeiras para descarte de lixo comum e lixo infectante. Ainda, conta com coletor perfurocortante, aparelho de endoscopia e vídeo-cirurgia, duas televisões utilizadas nas cirurgias por vídeo e endoscopias e um bisturi elétrico.

Neste local são realizadas as cirurgias de emergência, as eletivas e os procedimentos ambulatoriais que necessitam do paciente anestesiado.

Figura 16 - Centro Cirúrgico do Hospital Veterinário Florianópolis.



Fonte: Autor, 2021

O Hospital Veterinário Florianópolis conta com exame de tomografia computadorizada. Os exames são realizados em uma sala especial com blindagem para não passar a radiação, além de ar condicionado, pois o aparelho necessita de refrigeração (Figura 17).

Na sala, tem um oxímetro, materiais de uso hospitalar, medicações utilizadas em casos de emergência e um computador para a geração das imagens dos exames. Importante salientar que para a realização deste exame, os animais precisam estar sedados. Os exames de tomografia são agendados previamente e acontecem aos sábados pela manhã.

Figura 17 - Sala de Tomografia do Hospital Veterinário Florianópolis.



Fonte: Autor, 2021

Além da estrutura exposta aqui, o Hospital Veterinário Florianópolis conta ainda com uma área externa, onde os cães internados são levados para realizarem os passeios (aqueles em que a condição clínica permita). Nesta área fica também uma máquina de lavar e um tanque onde é realizada a lavagem de cobertores e panos cirúrgicos.

A parte externa também conta com uma sala onde encontra-se a cozinha do hospital, equipado com uma geladeira, pia e um micro-ondas utilizado para o preparo dos alimentos. Outra sala é utilizada para o descanso dos funcionários, nela contém poltronas e mesas que são utilizadas para as refeições dos funcionários.

Também é na parte externa que se encontra a sala da administração juntamente com a sala de estoque seco onde é armazenado os insumos utilizados na rotina do estabelecimento.

Por fim, a sala de pesquisa em células tronco, onde são realizados os exames de reação em cadeia da polimerase (PCR) solicitados na rotina do hospital. Esses exames são realizados no período matutino, desta forma a estagiária não teve contato direto com esse setor do hospital.

3.1.2 Atividades Desenvolvidas

O estágio curricular obrigatório foi realizado no Hospital Veterinário Florianópolis no período de 04 de janeiro a 29 de janeiro de 2021, equivalente a 160 horas, distribuídas em 40 horas semanais. O mesmo teve supervisão do médico veterinário Mateus Rychescki.

Ao chegar no hospital, a estagiária se apresentava na recepção, dando início às atividades, que consistia basicamente na higienização das baias, dos potes de comida e água, alimentação dos pacientes, realização de exame físico, auxílio nas medicações e troca de curativos. Após ajudar nas atividades diárias da internação, quando possível, a estagiária acompanhava as consultas e auxiliava os médicos veterinários em exames de imagem, coleta de material biológico e realização de acesso venoso. Sempre após a realização destes procedimentos, a estagiária efetuava a higienização da bancada e dos materiais utilizados.

Quando solicitada, a estagiária tinha permissão para realizar coletas de sangue, acessos venosos, sondagem vesical, além de poder calcular e aplicar as medicações prescritas pelo médico veterinário responsável.

Como atividade diferencial, a estagiária teve a oportunidade de realizar uma aplicação de células tronco em um paciente que estava em tratamento para correção de fratura no membro torácico esquerdo, o qual estava apresentando dificuldade na consolidação óssea.

3.2 HOSPITAL VETERINÁRIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA – UBERLÂNDIA/MG

O Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia (HVUFU) situa-se na Avenida Mato Grosso, nº 3289, bairro Umuarama em Uberlândia, estado de Minas Gerais (Figura 18).

Referência na região, o hospital conta com atendimento de grandes animais, animais selvagens/silvestres e pequenos animais.

O horário de atendimento é das 07h às 18h de segunda a sexta-feira.

O hospital conta com o Programa de Residência do MEC, deste modo, fazem parte da equipe dos funcionários, os médicos veterinários residentes, professores responsáveis pelo hospital, além de profissionais como auxiliares de limpeza, motoristas, seguranças e administradores.

Dentre os serviços ofertados pelo setor de clínica médica de pequenos animais estão, clínica médica geral, clínica cirúrgica, especialidades como endocrinologia e oncologia, internação, sendo este somente no período diurno, exame de necropsia, exames laboratoriais e exames de imagens como ultrassonografia, eletrocardiograma, ecocardiograma e Raio x.

Figura 18 - Fachada do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia.



Fonte: Autor, 2021.

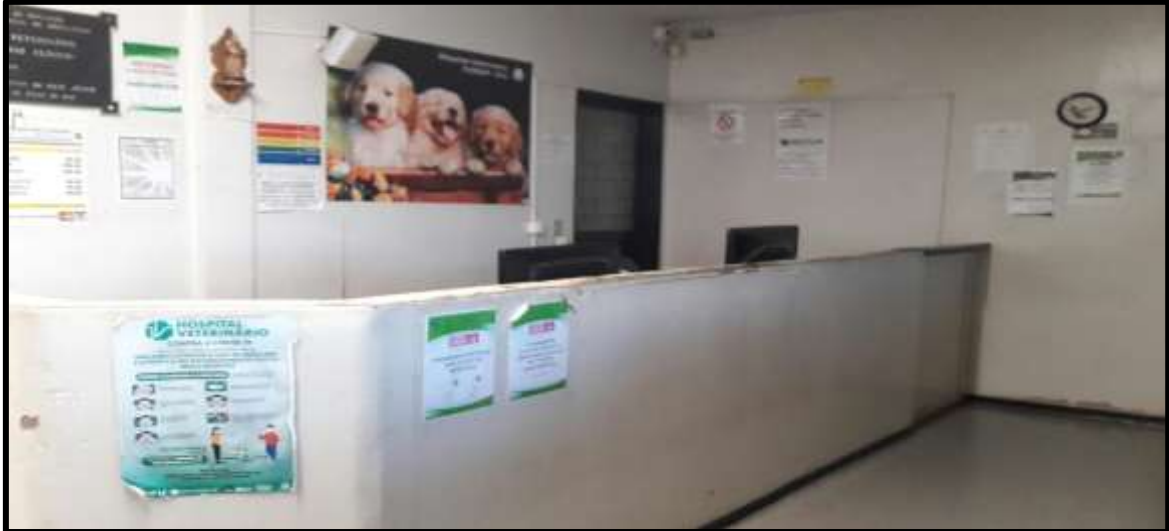
3.2.1 Descrição Física do Local

A estrutura física do hospital conta com uma recepção (Figura 19), onde trabalham dois recepcionistas. Neste local os tutores são atendidos, contam um breve relato dos motivos que levaram a procurar atendimento e aguardam pela consulta ou triagem de emergência (Figura 20). Anexo a recepção fica a sala do financeiro, onde os tutores realizam o pagamento da consulta e exames solicitados pelos residentes.

Ao lado da recepção encontra-se a balança onde o animal é pesado e uma mesa onde

são realizadas as triagens, para saber se o animal se enquadra no atendimento de emergência ou não (Figura 20).

Figura 19 - Recepção do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia.



Fonte: Autor, 2021.

Figura 20 - Sala de Triagem do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia.



Fonte: Autor, 2021.

Para melhor recepcionar os animais, o hospital dispõe de oito consultórios médicos, todos possuem mesa e cadeiras para atendimento dos pacientes, pia para higienização das mãos, lixeiras para lixos hospitalares e comuns, coletor de perfurocortantes e mesa com computador onde é preenchida a ficha do paciente através do Sistema para Gestão de Clínicas Veterinárias - SimpleVet, além de bancada com utensílios utilizados durante a consulta.

O consultório 1 é reservado para atendimento de oftalmologia, ou atendimentos que necessitem de um ambiente totalmente escuro, suas janelas e porta são revestidas com películas.

(Figura 21).

Os consultórios 2, 3 e 8 são destinados para consultas de rotina da clínica médica (Figura 22) e o consultório 7 para atendimento de especialidades, como por exemplo endocrinologia, onde as consultas são realizadas através de agendamento prévio (Figura 23).

Os consultórios 4 e 5 são utilizados pelo setor de clínica cirúrgica, e o consultório 6 para triagem de animais para participar no projeto de castração.

O hospital conta ainda com um setor exclusivo de oncologia, onde são realizadas consultas, tratamento à base de quimioterapia e cirurgias oncológicas (Figura 24).

Figura 21 - Consultório 1 do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia.



Fonte: Autor, 2021

Figura 22 - Consultório Padrão do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia.



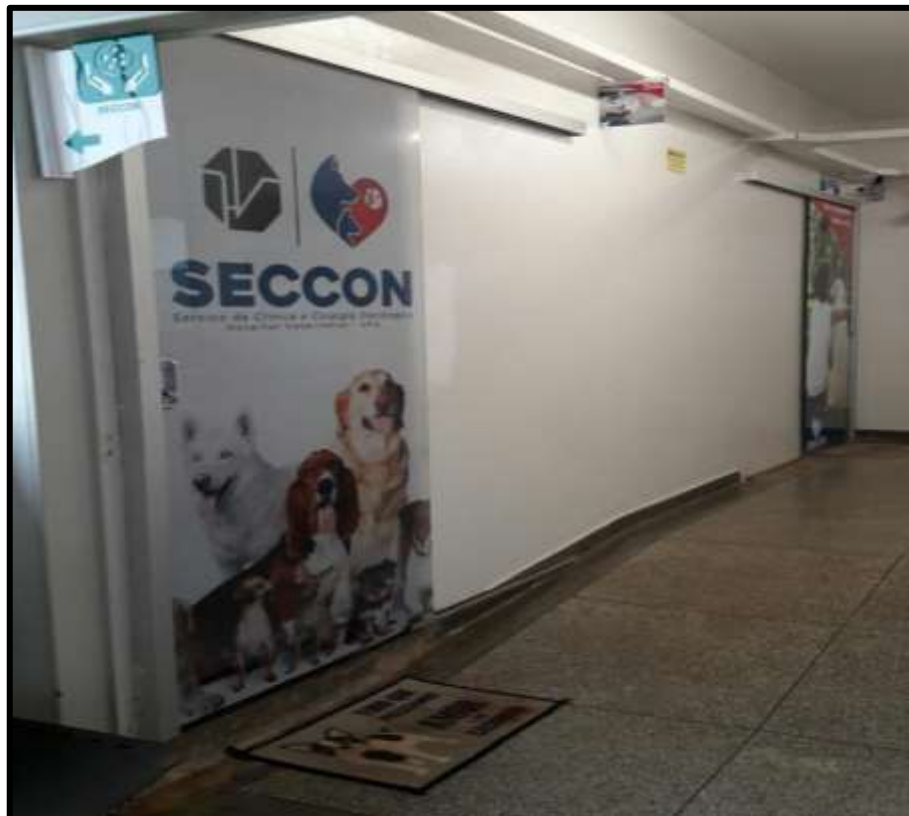
Fonte: Autor, 2021

Figura 23 - Consultório de Especialidades do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia.



Fonte: Autor, 2021

Figura 24 - Serviço de Oncologia do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia.



Fonte: Autor, 2021

A internação no Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia é realizada no período das 07h às 17h.

Os animais felinos ou caninos internados recebem alimentação seca ou pastosa, dependendo da prescrição do médico veterinário responsável pelo caso, medicações,

fluidoterapia e cuidados de enfermagem quando necessário. Ao final do dia, dependendo da condição clínica do paciente, este é liberado para casa, ou solicitado ao tutor levar o animal a clínicas parceiras que realizam o serviço de internação noturna.

Na parte externa da internação (Figura 25) fica a mesa do médico veterinário responsável pelos animais internados, uma geladeira onde guardam os comestíveis e medicações que necessitam de resfriamento, um armário com material hospitalar comum (luvas, seringas, agulhas e *scalp*), um armário com pia, onde é realizado a higienização dos utensílios utilizados tanto no gatil, como no canil e outro armário onde é guardado os medicamentos doados pela população. Estes medicamentos são utilizados nos pacientes internados ou ainda, doados à tutores carentes.

Figura 25 - Internação do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia.



Fonte: Autor, 2021

O hospital possui um canil (Figura 26) com duas mesas para realização de exame físico e manuseio dos pacientes. Um armário onde é guardado as rações secas, saches, jornais e tapetes higiênicos, uma balança digital para pesagem dos cães internados, lixeiras para descarte de lixo hospitalares e comuns, um coletor de perfurocortantes e dois armários de apoio onde ficam as agulhas, seringas, esparadrapo, luvas, gases, cateteres, álcool e desinfetante de bancada.

As baias onde permanecem os cães internados são separadas, não permitindo contato entre eles.

Figura 26 - Canil do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia.



Fonte: Autor, 2021

O hospital possui um gatil (Figura 27), que é composto por uma mesa onde é realizado o manuseio do paciente, um armário utilizado para guardar jornais, tapetes higiênicos e rações secas, uma balança para pesagem dos felinos internados e uma mesa de apoio onde dispõe alguns materiais como agulhas, seringas, luvas, esparadrapo, gases, cateteres, álcool e desinfetante de bancada.

Ao todo, oito baias estão à disposição do hospital, sendo que metade são destinadas a felinos positivos para doenças virais.

Figura 27 - Gatil do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia.



Fonte: Autor, 2021

Cumpra aqui salientar que o Hospital Veterinário da Universidade Federal de

Uberlândia dispõe de uma área de isolamento para doenças infectocontagiosas (Figura 28), onde os caninos com parvovirose são atendidos e/ou permanecem sob observação. Ainda, os animais com diagnóstico ou suspeita de cinomose, não são aceitos na internação.

Esta área é composta por oito baias separadas entre si, um armário onde ficam todos os materiais necessários para realização de procedimentos nos internados neste setor, lixeiras para lixos comum e contaminados, uma pia para higienização das mãos e utensílios, uma banheira onde, quando necessário, é feita a limpeza dos animais, duas mesas para manuseio dos internados e uma mesa de apoio contendo caixa de luvas, borrifador com álcool, desinfetante de bancada e também o coletor de perfurocortantes.

Figura 28 - Internação Doenças Infectocontagiosas do Hospital Veterinário Universidade Federal de Uberlândia.



Fonte: Autor, 2021

A estrutura física do hospital dispõe ainda de uma farmácia (Figura 29) onde são armazenados todos os medicamentos utilizados no dia a dia (material hospitalar para repor nos consultórios, material para realização de curativos) além de equipamentos como Doppler vascular e máquina de tricotomia.

Duas funcionárias trabalham neste setor e somente elas têm permissão para entrar na sala. Os médicos veterinários e estagiários pedem pelo material ou medicamento no balcão e aguardam pela entrega.

Figura 29 – Farmácia do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia.



Fonte: Autor, 2021

No Hospital Veterinária da UFU o laboratório de análises clínicas (Figura 30) realiza todos os exames da rotina clínica e cirúrgica do hospital. Neste setor trabalham médicos veterinários residentes e professores, que são responsáveis pela realização dos exames e entrega dos laudos, os quais são colocados no sistema de gerenciamento em média duas horas após a coleta, facilitando assim um diagnóstico mais rápido e preciso em pouco tempo.

Do mesmo modo que na farmácia, os residentes e estagiários não têm acesso a esse setor, sendo necessário chamar por atendimento em uma espécie de janela e aguardar para a entrega das amostras.

Figura 30 - Fachada do Laboratório Clínico do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia.



Fonte: Autor, 2021

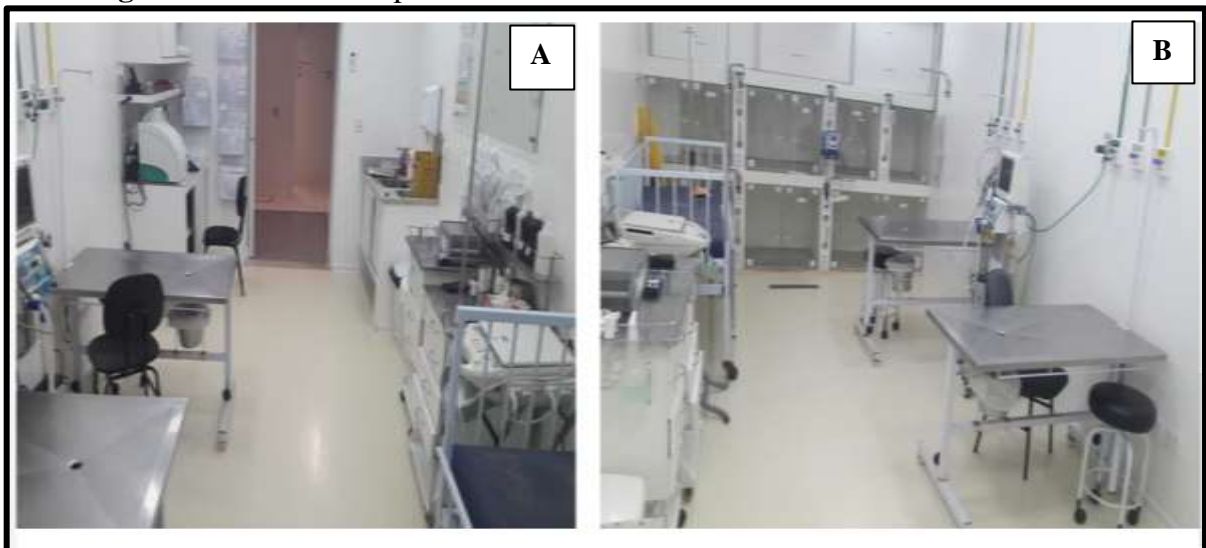
A sala de unidade de terapia intensiva (UTI) é composta por sete baias isoladas, bombas de infusão, duas mesas para manuseio dos pacientes e um berço para os animais que necessitam de mais atenção (Figura 31 B).

Conta ainda com um aparelho de ultrassom portátil onde são realizadas avaliações ultrassonográficas de emergências, principalmente em casos de trauma, como protocolos FAST (Focused Assessment with Sonography for Trauma), buscando por ruptura vesical ou contusão pulmonar por exemplo (Figura 31 A).

A UTI também é equipada por uma bancada com computador, um aparelho de hemogasometria arterial da marca Cobas modelo b 121 (para avaliar os valores de gases sanguíneos, eletrólitos, Hemoglobina Total, SO₂ e Hematócrito em casos de emergência), um armário com medicamentos utilizados em casos de emergência, um armário com materiais como agulhas, seringas, gases, luvas, esparadrapos, tubos para coleta de sangue, sondas orosanas e uretrais, *scalp*, cateteres, álcool e desinfetante de bancada e um monitor multiparâmetro que passa informações precisas do estado do paciente.

Por fim, a sala apresenta um sistema de oxigênio encanado, uma máquina de tricotomia, Doppler vascular, bolsas térmicas e colchão térmico utilizados em pacientes com hipotermia.

Figura 31- UTI do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia.



Fonte: Autor, 2021

A sala dos residentes possui bancadas com cadeiras e computadores, onde os médicos veterinários acessam o sistema de gerenciamento do hospital, buscam por resultados de exames, pesquisam artigos, realizam encaminhamentos e fazem receitas quando necessário.

Também nesta sala encontram-se os armários de uso pessoal de cada residente e um

banco para descanso entre um atendimento e outro (Figura 32).

Ainda a sala conta com uma mesa e cadeiras onde são realizadas discussões de casos clínicos, um telefone para receber ou atender ligações dos tutores e armário com livros, os quais os residentes podem realizar pesquisas quando necessário. (Figura 33).

Figura 32 - Sala dos Residentes do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia.



Fonte: Autor, 2021

Figura 33 - Sala de Reunião dos Residentes do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia.



Fonte: Autor, 2021

A sala de radiologia (Figura 34) contém uma mesa para posicionamento dos pacientes, calhas, roupa de proteção contra radiação e aparelho de raio x digital.

Dois médicos veterinários trabalham neste setor. Os exames são realizados conforme agendamento no sistema pelo médico veterinário. Minutos após a realização do exame as

imagens são colocadas no sistema pelo médico radiologista.

Figura 34 - Sala de Radiologia do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia.



Fonte: Autor, 2021

A sala de ultrassonografia, ecocardiograma e eletrocardiograma (Figura 35) possui uma mesa com colchão para posicionamento do paciente, uma pia para higienização das mãos, uma máquina para realização da tricotomia, um aparelho de ultrassom da marca GE Healthcare, modelo LOGIQ e uma mesa com computador e cadeira onde fica o médico veterinário responsável pelo setor.

Os exames ultrassonográficos são realizados no período matutino. Já no período vespertino são realizados exames de eletrocardiograma e ecocardiograma previamente agendados.

Figura 35 - Sala de Ultrassom do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia.



Fonte: Autor, 2021

Uma área externa (Figura 36) e anexa a internação do hospital é utilizada pelos médicos veterinários residentes e estagiários para levar os cães internados para passear. Esta manobra é realizada a fim de estimular os animais a fazerem suas necessidades fisiológicas e deambulação.

Figura 36 - Área Externa do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia.



Fonte: Autor, 2021

3.2.2 Atividades Desenvolvidas

O estágio curricular obrigatório foi realizado no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia no período de 01 de fevereiro a 26 de fevereiro de 2021, equivalente a 143 horas. O mesmo teve supervisão da professora Doutora Sofia Borin Crivellenti.

Como norma do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia, os estagiários vestiam roupas de cor branca e jalecos de manga comprida, além do uso obrigatório de máscaras dentro das dependências do complexo.

No primeiro dia de estágio, a estagiária recebeu as boas vindas dos residentes e também algumas orientações sobre horários, condutas, sistema gerencial e vestimentas.

Havia uma escala com o nome do estagiário e do residente que o mesmo iria acompanhar. Foi realizado um rodízio, a fim de que a estagiária acompanhasse um residente diferente em cada semana, com a obrigatoriedade de passar pelo menos uma delas na UTI.

A rotina do hospital iniciava impreterivelmente às 07h00, contudo, a fila dos tutores que buscavam atendimento para seus animais tinha início ainda na madrugada.

Os estagiários tinham direito a duas horas de almoço, sendo acertado anteriormente com o residente que estava acompanhando o melhor momento para utilizá-las.

O horário final do estágio era às 17h00, porém como o hospital funcionava uma hora a mais e era de escolha do estagiário ficar ou não.

As atividades desenvolvidas na clínica médica consistiram fundamentalmente no acompanhamento do residente. Logo no início do atendimento, a estagiária era responsável pela realização da anamnese, preenchimento da ficha no SimplesVet, e a realização dos exames físicos nos animais. Ainda, quando autorizado, ela ficava responsável por coletar sangue, fazer o acesso venoso, confeccionar lâminas para esfregaço sanguíneo, realizar a sondagem uretral e receita médica, além de acompanhar exames de imagem quando solicitados.

Após os atendimentos, a estagiária realizava a higienização da mesa e descarte dos materiais utilizados. Encaminhava as amostras ao laboratório e sempre que possível discutia com o residente o caso atendido.

Na semana de estágio na UTI, a estagiária, juntamente com outro estagiário da clínica cirúrgica, auxiliou os residentes, os quais eram um da clínica médica e outro da clínica cirúrgica.

Os casos de emergência e urgência como traumas, acidentes ofídicos, obstrução uretral eram encaminhados diretamente a UTI, onde era realizado atendimento imediato buscando a estabilização do paciente.

Durante o período de estágio neste setor, a estagiária teve a oportunidade de realizar uma coleta de sangue arterial para realização de hemogasometria, além de aprender muito sobre intensivismo e como agir em casos emergência.

3.3 HOSPITAL VETERINÁRIO PÚBLICO DE OSASCO - UNIDADE MANCHINHA – OSASCO/SP

O Hospital Veterinário Público de Osasco Unidade Manchinha (HVPO-UM) está localizado na Avenida Franz Voegeli, 930, bairro Continental, na cidade de Osasco, no estado de São Paulo (Figura 37).

O hospital funciona de segunda à sexta das 08h00 às 17h00 e através de uma parceria entre prefeitura de Osasco e a Associação Nacional de Clínicos Veterinários de Pequenos Animais (ANCLIVEPA) do Estado de São Paulo presta serviço gratuito de clínica médica geral, especialidade de cardiologia, clínica cirúrgica de tecidos moles e enfermagem. Outros serviços como exames de raio x, ultrassom, especialidades diversas como acupuntura, oftalmologia, ortopedia e cirurgia ortopédica, endocrinologia e internação, também são ofertados gratuitamente à população, porém realizados em outra unidade na mesma cidade.

Para ter direito ao atendimento, é obrigatório documento com foto do tutor e comprovante de residência, para comprovar ser morador da cidade. Somente em casos de risco de óbito iminente esta regra não é seguida, e então o animal recebe os atendimentos iniciais

até sua estabilização, para posterior encaminhamento.

Inaugurado no dia 25 de fevereiro de 2019, o hospital foi construído com a indenização paga por uma rede de supermercados, onde uma cadela foi agredida e morta no estacionamento por um dos seguranças do estabelecimento. Devido à grande repercussão do caso, e também como forma de homenagem, o hospital recebeu o nome de Manchinha, nome dado a cadela assassinada.

Figura 37 - Fachada do Hospital Veterinário Público de Osasco - Unidade Manchinha.



Fonte: Autor, 2021

3.3.1 Descrição Física do Local

A primeira sala do hospital é a recepção (Figura 38). Ela é equipada com mesas, cadeiras e computadores onde trabalham dois recepcionistas que são responsáveis pelos atendimentos dos tutores e telefônicos. O hospital conta com o sistema Vetus, uma plataforma de gestão para clínicas veterinárias.

Figura 38 - Recepção do Hospital Veterinário Público de Osasco - Unidade Manchinha.



Fonte: Autor, 2021

O hospital dispõe de dois consultórios similares, ambos possuem uma mesa com cadeiras para acomodação do médico veterinário e do tutor, computadores com acesso à internet e ao sistema Vetus. Os consultórios são compostos também por uma mesa onde é realizado o atendimento ao paciente e itens necessários para a realização da consulta, bem como, lixeiras para uso comum e lixo infectado e coletor perfurocortantes.

O consultório 2 (Figura 39) possui também um armário onde são guardados os materiais utilizados na rotina clínica e cirúrgica, os medicamentos, cateteres, agulhas, luvas, sondas uretrais, fios de sutura, blocos de receitas e requisição de exames.

Figura 39 - Consultório 2 do Hospital Veterinário Público de Osasco - Unidade Manchinha.



Fonte: Autor, 2021

A sala de enfermagem (Figura 40) é onde são realizados os curativos, retirada de míafases, coletas de sangue para posterior envio ao laboratório, avaliação de pressão arterial e mensuração de glicose. Estes procedimentos são realizados pelos auxiliares veterinários, sempre que solicitado pela equipe dos médicos veterinários. Ali também ficam os animais em estado mais críticos, que carecem de um cuidado maior, ou estão com dificuldade respiratória necessitando de oxigênio.

A sala é composta por quatro mesas onde ficam os animais, sempre acompanhados pelos tutores, um armário para armazenamento dos medicamentos e utensílios usados diariamente, lixeiras para descarte de lixo hospitalar e outra para lixo comum, um coletor perfurocortante, três cilindros de Oxigênio e uma mesa com cadeira e computador, onde os auxiliares fazem acesso ao sistema.

Figura 40 - Sala de Enfermagem do Hospital Veterinário Público de Osasco - Unidade Manchinha.



Fonte: Autor, 2021

O hospital também dispõe de outra sala que é usada para acomodar os pacientes que necessitam receber medicações, seja por via subcutânea (SC) intramuscular (IM) ou intravenoso (IV), ou que estejam desidratados e necessitam repor fluídos (Figura 41).

A fluidoterapia é realizada com solução fisiológica 0,9%, ou solução ringer com lactato, dependendo da necessidade do paciente e da disposição do material no hospital.

Todos os procedimentos são realizados em cima de uma das cinco mesas dispostas no local e os tutores permanecem com seu animal até ele ser liberado.

Sempre após um caso suspeito de doença infecciosa, é feita a desinfecção da mesa com álcool e fogo, a fim de eliminar os vírus.

Figura 41 - Sala de Medicações do Hospital Veterinário Público de Osasco - Unidade Manchinha.



Fonte: Autor, 2021

O centro cirúrgico (Figura 42) é utilizado para a realização de cirurgias de tecidos moles previamente marcadas e também para casos ambulatoriais de urgência, como por exemplo, desobstrução uretral e correção de prolapso de reto.

O centro é composto por uma mesa cirúrgica com foco cirúrgico, calhas para melhor posicionamento do animal, armários contendo medicamentos utilizados no pós-cirúrgico, fios para sutura, materiais estéreis como gases, compressas, luvas e aventais cirúrgicos, uma mesa para exposição dos instrumentos cirúrgicos utilizados durante a cirurgia. Há também um carrinho de anestesia inalatória, onde contém agulhas, seringas e medicamentos anestésicos utilizados na MPA e trans cirúrgico, um monitor multiparamétrico, termômetro, Doppler vascular, sondas endotraqueais e bisturi elétrico, lixeira para lixo comum e outra para lixo hospitalar e coletor Perfurocortantes.

No centro cirúrgico fica também uma autoclave, onde é feita a esterilização dos instrumentais cirúrgicos e materiais estéreis que são utilizados nas cirurgias e um refrigerador onde é guardado os medicamentos que necessitam de refrigeração.

Figura 42 - Centro Cirúrgico do Hospital Veterinário Público de Osasco - Unidade Manchinha.



Fonte: Autor, 2021

3.3.2 Atividades Desenvolvidas

O estágio curricular obrigatório foi realizado no Hospital Veterinário Público de Osasco Unidade Manchinha, no período de 04 de março a 01 de abril de 2021, equivalente a 168 horas.

O mesmo teve supervisão do médico veterinário Luiz Wilson de Oliveira, porém a responsável pelo acompanhamento da estagiária dentro do hospital foi a médica veterinária Myriam Id de Paula.

Nos primeiros dias de estágio foram distribuídas 25 senhas para atendimento clínico, e atendidos eventuais emergências. Porém, devido a pandemia do Covid-19 foi decretado pelo governo do estado de São Paulo fase vermelha e posteriormente roxa da pandemia, então os atendimentos passaram a ser somente dos casos de urgência e emergência, os quais eram triados pelas médicas veterinárias responsáveis.

Após a triagem que tinha início às 07h30min iniciavam-se os atendimentos.

No período da tarde, aconteciam as consultas de retorno e eram atendidos também os casos de emergência que chegavam.

A estagiária era responsável por realizar a anamnese e os exames físicos nos animais sempre na sala de medicações. Após, passava as informações coletadas para a médica veterinária e juntas discutiam um provável diagnóstico ou quais exames seriam solicitados. Em seguida o tutor era chamado ao consultório, a veterinária então confirmava alguns pontos importantes e realizava a consulta.

Caso fosse preciso coletar material biológico ou aplicar alguma medicação, era solicitado aos auxiliares veterinários.

Encerrados os atendimentos clínicos, a estagiária podia acompanhar os auxiliares nas atividades de enfermagem, como coleta de sangue, realização de acesso venoso, aplicação de medicações e efetuar curativos.

Como atividade diferencial a estagiária realizou a drenagem de um otomatomato e auxiliou na redução de um prolapso retal no centro cirúrgico como procedimento ambulatorial.

4 CASUÍSTICA E DISCUSSÃO

Durante o período de estágio curricular obrigatório, foram acompanhados diversos casos, com variadas suspeitas clínicas ou diagnósticos diferenciais. Em alguns casos não foi possível chegar a um diagnóstico definitivo, seja por restrições financeiras dos tutores, pelas condições físicas dos animais ou por falta de acesso a exames mais detalhados. Desta forma, neste relatório os casos em que não se obteve um diagnóstico definitivo, constam como “a esclarecer”.

Ao todo, 306 atendimentos foram acompanhados durante o período de estágio em clínica médica de pequenos animais e serão expostos neste relatório. Porém como alguns animais apresentavam mais de uma afecção, o número de afecções será maior do que o número de pacientes atendidos.

Na Tabela 1, é possível visualizar a classificação conforme a espécie e o sexo dos animais de acordo com o local de atendimento.

A concedente com a maior casuística acompanhada foi o Hospital Veterinário Manchinha (52% dos casos), seguida do Hospital Veterinário de Florianópolis (30%) e do HVUFU (18%).

Nas três concedentes, a maior ocorrência de atendimentos foi na espécie canina (*Canis familiaris*), somando 70% dos atendimentos, contra 30% da espécie felina (*Felis catus*).

Com relação ao sexo dos animais, dos 306 atendimentos realizados, 172 eram fêmeas (56,20%) e 134 eram machos (43,80%).

Tabela 1 – Casuística dos atendimentos acompanhados, separados por espécie e sexo, durante o período de estágio.

Espécie	HVF		HVUFU		HVM		Total (%)
	Macho	Fêmea	Macho	Fêmea	Macho	Fêmea	
Canina	28	39	20	23	39	65	214 (70)
Felina	13	11	6	7	28	27	92 (30)
Total	41	50	26	30	67	92	306 (100)
Total Animais (%)	91 (30)		56 (18)		159 (52)		

Nas três concedentes, os atendimentos a animais sem raça definida (SRD) prevaleceram (57%), seguindo de animais da raça Shih Tzu (9%) e Pinscher (6%), de acordo com a Tabela 2.

Tabela 2 – Casuística dos pacientes caninos separados por raça, acompanhados durante o período de estágio.

Raça	HVF	HVUFU	HVM	Total (%)
SRD	40	25	57	122 (57)
Shih Tzu	5	6	9	20 (9)
Pinscher	3	4	5	12 (6)
Poodle	2	0	4	6 (3)
Yorkshire	2	1	2	5 (2)
Lhasa Apso	1	0	4	5 (2)
Labrador	1	2	2	5 (2)
Golden	1	0	3	4 (2)
Border Collie	2	1	1	4 (2)
Bulldogue	0	1	3	4 (2)
Pug	2	0	1	3 (1)
Spitz	2	0	1	3 (1)
Teckel	1	0	2	3 (1)
Cocker	1	1	1	3 (1)
Boxer	1	2	0	3 (1)
Pit Bull	1	0	1	2 (1)
Rottweiler	0	0	2	2 (1)
Akita	0	0	2	2 (1)
Schnauzer	1	0	0	1 (0)
Maltês	1	0	0	1 (0)
West Highland White Terrier	0	0	1	1 (0)
Pastor Alemão	0	0	1	1 (0)
Pastor Branco Suíço	0	0	1	1 (0)
Chow-chow	0	0	1	1 (0)
Total (%)	67 (31)	43 (20)	104 (49)	214 (100)

Com relação à espécie felina, os animais SRD também se sobressaíram (93%). Além destes, apenas felinos da raça Persa foram atendidos em duas das concedentes, somando 7% da casuística nesta espécie. Na Tabela 3 é possível acompanhar a quantidade de felinos, separados por raça, atendidos durante o período de estágio de acordo com o local de atendimento.

Tabela 3 – Casuística dos pacientes felinos separados por raça, acompanhados durante o período de estágio.

Raça	HVF	HVUFU	HVM	Total (%)
SRD	20	13	53	86 (93)
Persa	4	0	2	6 (7)
Total (%)	24 (26)	13 (14)	55 (60)	92 (100)

As afecções foram separadas por sistemas ou especialidades (Tabela 4), tais como sistema digestório, tegumentar, urinário, nervoso, músculo esquelético, cardiovascular, reprodutor, visual, respiratório, endócrino, doenças infecciosas e parasitárias, atendimentos oncológicos e outros, e serão explanadas ao decorrer deste relatório.

Tabela 4 – Casuística separada por sistema ou especialidade acompanhada durante o período de estágio.

Sistema/ Especialidade	HVF		HVUFU		HVM		Total (%)
	Canino	Felino	Canino	Felino	Canino	Felino	
Doenças Infecciosas e Parasitárias	9	5	23	6	12	9	64 (19)
Digestório	16	0	5	0	12	8	41 (12)
Atendimentos Oncológicos	8	2	7	1	16	4	38 (11)
Tegumentar	4	4	2	0	21	1	32 (9)
Urinário	3	10	1	2	4	9	29 (9)
Nervoso	5	2	1	1	15	4	28 (8)
Músculo Esquelético	12	0	0	1	7	5	25 (7)
Cardiovascular	8	3	8	1	4	0	24 (7)
Reprodutor	2	2	5	0	10	1	20 (6)
Outros	3	0	2	0	0	7	12 (4)
Visual	2	2	1	0	5	0	10 (3)
Respiratório	2	0	1	1	4	1	9 (3)
Endócrino	0	0	1	0	5	0	6 (2)
Total (%)	74 (22)	30 (9)	57 (17)	13 (4)	115 (34)	49 (14)	338 (100)

No geral, as doenças infecciosas ou parasitárias tiveram uma maior prevalência (19% dos atendimentos). Nem sempre era possível chegar ao diagnóstico definitivo e, dessa forma, levavam-se em conta os sinais clínicos do animal associado ao resultado dos exames laboratoriais, chegando a um diagnóstico presuntivo.

A Tabela 5 traz detalhes das afecções por doenças infecciosas e parasitárias acompanhadas durante o período de estágio, separadas de acordo com a espécie e local de atendimento.

Tabela 5 – Afecções por doenças infecciosas e parasitárias acompanhadas durante o período de estágio.

Afecção	HVF		HVUFU		HVM		Total (%)
	Canino	Felino	Canino	Felino	Canino	Felino	
Parvovirose	3	0	3	0	4	0	10 (16)
Hemoparasitose a esclarecer	1	0	5	0	3	0	9 (14)
Erliquiose	2	0	7	0	0	0	9 (14)
Cinomose positivo ou a esclarecer	1	0	3	0	3	0	7 (11)
Anaplasmosse	1	0	3	1	0	0	5 (8)
FeLV ¹ positivo ou a esclarecer	0	3	0	1	0	2	6 (9)
FIV ² positivo ou a esclarecer	0	2	0	1	0	2	5 (8)
Giardíase a esclarecer	1	0	1	0	0	2	4 (6)
Verminose	0	0	0	1	2	1	4 (6)
Micoplasmose	0	0	0	1	0	2	3 (5)
Clostridiose	0	0	1	0	0	0	1 (2)
PIF ³	0	0	0	1	0	0	1 (2)
Total (%)	9 (14)	5 (8)	23 (36)	6 (9)	12 (19)	9 (14)	64 (100)

¹Vírus da Leucemia Felina

²Vírus da Imunodeficiência Felina

³Peritonite Infecciosa Felina

Na espécie canina, as hemoparasitoses de modo geral somaram 28% da casuística e dentre as com diagnóstico definitivo a Erliquiose somou 14%. Dos 18 casos totais de hemoparasitoses, 09 (50%) foram diagnosticados no Hospital Veterinário da UFU.

A Erliquiose ou Erlichiose é uma doença causada por parasitas intracelulares obrigatórios, sendo a *Ehrlichia canis* a espécie que mais acomete os cães. A transmissão se dá pelo carrapato (*Rhipicephalus sanguineus*) ou por transfusão sanguínea (SILVA, 2015). Apresenta distribuição mundial, porém, com maior ocorrência em regiões com clima tropical e temperado, em razão da alta prevalência de carrapatos nestes locais (OLIVEIRA, 2019). Segundo Petrucci (2017) o clima de Uberlândia-MG é classificado como tropical e

megatérmicos, com temperatura média de 28,8°C, podendo justificar assim a alta casuística de hemoparasitoses acompanhadas nesta cidade.

Os sinais clínicos são inespecíficos e o diagnóstico é realizado associando os sinais clínicos do animal, perfil hematológico, achados citológicos (pesquisa de mórulas), ou exames como reação em cadeia da polimerase (PCR) e teste sorológico como o teste rápido 4DX® (LEITÃO *et al.*, 2011). O diagnóstico das hemoparasitoses no HVUFU, na grande maioria, era determinado levando-se em conta o histórico, os sinais clínicos e o exame físico do animal. Algumas vezes foi possível fechar o diagnóstico por meio da presença de mórulas encontradas no exame de pesquisa de hemoparasita feito com esfregaço sanguíneo de sangue periférico. Em raras ocasiões eram realizados exames específicos, em razão da restrita condição financeira da maioria dos tutores que procuravam atendimento veterinário para seus animais neste hospital. Já no HVF, do modo que, geralmente a condição financeira dos tutores era melhor, foi possível chegar ao diagnóstico de Erliquiose em 2 dos 3 casos de hemoparasitoses acompanhados. Os diagnósticos foram realizados por meio de exame sorológico 4DX® o qual era realizado pelo próprio médico veterinário no hospital.

No tocante às doenças infecciosas e parasitárias na espécie felina, pacientes FeLV positivos ou suspeitos foram os atendimentos mais rotineiros.

Dentre os sistemas, o mais acometido foi o digestório (12% dos casos), de acordo com a Tabela 6.

Tabela 6 – Afecções do sistema digestório acompanhadas durante o período de estágio.

Afecção	HVF		HVUFU		HVM		Total (%)
	Canino	Felino	Canino	Felino	Canino	Felino	
Gastroenterite a esclarecer	9	0	3	0	5	3	20 (49)
Corpo estranho a esclarecer	1	0	0	0	4	1	6 (15)
Doença periodontal	1	0	1	0	3	0	5 (12)
Pancreatite	3	0	1	0	0	0	4 (10)
Prolapso retal	0	0	0	0	0	1	1 (2)
Mucocele salivar	1	0	0	1	0	0	1 (2)
Estenose pilórica	1	0	0	1	0	0	1 (2)
Tríade felina	0	0	0	1	0	1	1 (2)
CGEFF ¹	0	0	0	0	0	1	1 (2)
IPE ² a esclarecer	0	0	0	0	0	1	1 (2)
Total (%)	16 (39)	0 (0)	5 (12)	0 (0)	12 (29)	8 (20)	41 (100)

¹Complexo Gengivite Estomatite Faringite Felina

²Insuficiência Pancreática Exócrina

Entre as afecções deste sistema, as gastroenterites foram as mais presentes, totalizando 49% dos casos. A gastroenterite é um quadro clínico marcado por vômitos e diarreias. Esses, quando intensos, podem causar desidratação no animal, levando a choque hipovolêmico e consequente óbito, principalmente em filhotes. Essas doenças podem ser classificadas como de origem viral, parasitária, bacteriana, intoxicações ou imprudência alimentar. As doenças entéricas nem sempre se tem um diagnóstico definitivo, o que leva o médico veterinário a realizar o tratamento baseado nos sinais clínicos (BRAGA; IASBECK; DE ALMEIDA, 2014).

No Hospital Veterinário Manchinha, a ingestão de corpo estranho aparece em segundo lugar, totalizando 5 casos. Um destes casos foi de uma felina, filhote da raça Persa, que deu entrada no HVPO-UM com uma agulha com linha presa na boca. Durante a anamnese a tutora informou que a paciente estava brincando com o fio, e acabou se ferindo com a agulha. O que segundo alguns autores é frequente ocorrer nesta espécie, principalmente em filhotes, devido ao comportamento de brincar com objetos lineares (STERMAN; MATERA; STOPIGLIA, 1997; SILVA *et al.*, 2019).

Nos atendimentos oncológicos acompanhados (Tabela 7) nem sempre foi possível chegar ao diagnóstico exato da formação, ou ainda se a doença se tratava de neoplasia ou não. Desta forma para melhor exemplificar, essas afecções foram divididas por regiões, tais como

tumores mamários, hepáticos, tumor com origem em cabeça/crânio, membros, tórax, tumor esplênico e anal.

Tabela 7 – Atendimentos oncológicos acompanhados durante o período de estágio.

Afecção	HVF		HVUFU		HVM		Total (%)
	Canino	Felino	Canino	Felino	Canino	Felino	
Tumor mamário	2	0	1	0	4	0	7 (18)
Tumor hepático	2	0	1	0	3	0	6 (16)
Linfoma a esclarecer	1	1	0	1	0	3	6 (16)
Carcinoma a esclarecer	1	0	0	0	2	1	4 (11)
Tumor cabeça/crânio	1	1	0	0	1	0	3 (8)
Tumor em membros	1	0	0	0	2	0	3 (8)
Síndrome paraneoplásica	0	0	1	0	1	0	2 (5)
Tumor em tórax	0	0	0	0	2	0	2 (5)
Tumor esplênico	0	0	2	0	0	0	2 (5)
Tumor anal	0	0	0	0	1	0	1 (3)
Neoplasia mesenquimal	0	0	1	0	0	0	1 (3)
Mesotelioma	0	0	1	0	0	0	1 (3)
Total (%)	8 (21)	2 (5)	7 (18)	1 (3)	16 (42)	4 (11)	38 (100)

Também foram aplicados nesta especialidade as síndromes paraneoplásicas, casos suspeitos de carcinoma e linfoma. Este último na grande maioria em felinos positivos para FeLV e duas neoplasias em que foi possível chegar ao diagnóstico definitivo, sendo uma neoplasia mesenquimal no membro torácico esquerdo de uma canina, SRD, e um mesotelioma retirado após cirurgia de toracotomia em um canino também SRD.

As neoplasias diagnosticadas foram acompanhadas no Hospital Veterinário da UFU que possui um laboratório de patologia próprio, com médicos veterinários residentes que executam os exames com rapidez e precisão. Além disso, o hospital conta também com um setor de oncologia, onde são realizadas cirurgias e quimioterapia quando necessário.

Com relação ao sistema tegumentar (Tabela 8), as miíases e otites externas foram as

Afecções mais vistas na espécie canina, representando cada uma 19% das Afecções acompanhadas, seguidas das suspeitas de sarna com 16%.

Tabela 8 – Afecções do sistema tegumentar acompanhadas durante o período de estágio.

Afecção	HVF		HVUFU		HVM		Total (%)
	Canino	Felino	Canino	Felino	Canino	Felino	
Miíase	0	2	0	0	4	0	6 (19)
Otite externa	0	0	0	0	6	0	6 (19)
Sarna a esclarecer	1	0	1	0	3	0	5 (16)
Otohematoma	1	0	0	0	2	0	3 (9)
Laceração	1	2	0	0	0	0	3 (9)
Dermatopatia a esclarecer	0	0	0	0	3	0	3 (9)
Inflamação da glândula perianal	0	0	1	0	0	0	1 (3)
Dermatite atópica	0	0	0	0	1	0	1 (3)
Lesões cutâneas a esclarecer	0	0	0	0	0	1	1 (3)
Dermatofitose a esclarecer	0	0	0	0	1	0	1 (3)
DAPP ¹	0	0	0	0	1	0	1 (3)
Nódulo região vulvar	1	0	0	0	0	0	1 (3)
Total (%)	4 (13)	4 (13)	2 (6)	0 (0)	21 (65)	1 (3)	32 (100)

¹Dermatite Alérgica à Picada da Pulga

Dos seis casos de miíase totais, quatro foram acompanhadas no HVPO-UM. Muitos desses animais eram provenientes de comunidades que ficavam próximas ao hospital e eram levados para atendimento após resgate. O tratamento realizado no hospital na maioria das vezes consistia em administração via IV de analgésicos, anti-inflamatórios, antibióticos e protetores gástricos e cuidados de enfermagem, como retirada das larvas e realização de curativo com pomada sulfadiazina de prata. Para tratamento em casa era prescrito as mesmas medições iniciadas, porém passado a ser por VO e o uso de nitenpiram (Capstar®). Em casos graves era solicitado retornar ao hospital para a realização das medicações por via IV e curativos.

A sarna é uma doença dermatológica, causada por ácaros e que atinge a pele dos animais. As sarnas com maior ocorrência na espécie canina podem ser vistas de duas formas (BEZERRA, 2013). Sarna sarcóptica ocasionada pelo *Sarcoptes scabiei*, que se trata de uma zoonose e ocasiona prurido intenso, (FERRARI, *et al.*, 2008 e BEZERRA, 2013) e a sarna

demodécica que é causada pelo ácaro *Demodex canis*, não sendo esta contagiosa e sua proliferação está ligada ao sistema imune do animal (SPEGIORIN; DURLO, 2019).

Já na espécie felina, foram acompanhados dois casos de miíases e dois casos de lacerações cutâneas, todos no HVF.

Em uma das situações de laceração, as lesões foram causadas pelo ataque de outro animal. Já na outra, o felino ficou preso pelo membro pélvico a uma estaca de metal em uma cerca, levando à laceração do tegumento. Em ambos os casos, os animais tinham acesso à rua, o que levou ao revés.

Em relação ao sistema urinário (Tabela 9), a espécie felina foi a mais acometida, sendo as Doenças do Trato Urinário Inferior Felina (DTUIF) a afecção mais vista, representando 31% dos casos.

Tabela 9 - Afecções do sistema urinário acompanhadas durante o período de estágio.

Afecção	HVF		HVUFU		HVM		Total (%)
	Canino	Felino	Canino	Felino	Canino	Felino	
DTUIF ¹	0	2	0	1	0	6	9 (31)
DRC ²	1	3	1	1	1	2	9 (31)
Obstrução uretral	2	2	0	0	0	0	4 (14)
Incontinência urinária	0	0	0	0	2	0	2 (7)
Ruptura uretral	0	1	0	0	0	0	1 (3)
ITU ³	0	0	0	0	0	1	1 (3)
Cistite	0	1	0	0	0	0	1 (3)
Rim policístico	0	1	0	0	0	0	1 (3)
IRA ⁴ a esclarecer	0	0	0	0	1	0	1 (3)
Total (%)	3 (10)	10 (34)	1 (3)	2 (7)	4 (14)	9 (31)	29 (100)

¹Doença do Trato Urinário Inferior felino

²Doença Renal Crônica

³Infeção do Trato Urinário

⁴Insuficiência Renal Aguda

As DTUIFs englobam um conjunto de desordens que afetam a vesícula urinária e/ou uretra dos felinos domésticos (COSTA, 2009). Os sinais clínicos podem incluir, polaciúria, estrangúria, periúria, disúria e hematúria (DIBARTOLA; WESTROPP, 2015). Os casos não obstrutivos podem ser divididos em dois grupos, onde no primeiro a inflamação ocorre sem a presença de um agente causal, e no segundo teria como causa traumas, neoplasias ou agente infeccioso. Já os casos de DTUIF obstrutivas são causadas na maioria das vezes por

tampões uretrais e cálculos. Nesse caso o animal não consegue urinar, levando a repleção da vesícula urinária, o que gera uma condição de emergência (CRIVELLENTI, 2015). A maioria dos casos desta afecção foram acompanhados no Hospital Veterinário Manchinha, e se tratava da forma não obstrutiva. Na anamnese, na maioria das vezes, o tutor relatava que o animal estava apresentando comportamento “diferente”, dificuldade para urinar e aparentemente dor.

O tratamento empregado na maioria das vezes consistia em passar informações ao tutor sobre manejo alimentar e das caixas sanitárias, aumentar a ingestão hídrica do animal, troca de dieta, analgésicos, anti-inflamatórios, esteroidais, antidepressivos como a Amitriptilina e fitoterápicos como Cranberry.

Já na espécie canina, a Doença Renal Crônica (DRC) foi a principal afecção deste sistema, somando 3 casos, seguido de obstrução uretral e incontinência urinária, ambas com 2 casos.

Nas Afecções do sistema nervoso (Tabela 10), as crises epiléticas aparecem em primeiro lugar, com 21% dos casos, e em segundo lugar a síndrome da disfunção cognitiva com 18%.

Tabela 10 - Afecções do sistema nervoso acompanhadas durante o período de estágio.

Afecção	HVF		HVUFU		HVM		Total (%)
	Canino	Felino	Canino	Felino	Canino	Felino	
Epilepsia a esclarecer	2	1	0	0	2	1	6 (21)
SDC ¹	0	0	0	0	5	0	5 (18)
Lesão medular a esclarecer	1	0	0	0	1	2	4 (14)
TCE ² a esclarecer	1	0	0	1	1	1	4 (14)
SV ³ a esclarecer	0	0	0	0	2	0	2 (7)
Síncope a esclarecer	0	1	1	0	0	0	2 (7)
Pseudociese	0	0	0	0	2	0	2 (7)
DDIV ⁴ a esclarecer	0	0	0	0	2	0	2 (7)
Estenose de canal vertebral	1	0	0	0	0	0	1 (4)
Total (%)	5 (18)	2 (7)	1 (4)	1 (4)	15 (53)	4 (14)	28 (100)

¹Síndrome da Disfunção Cognitiva

²Trauma Crânio-Encefálico

³Síndrome Vestibular

⁴Doença do Disco Intervertebral

A síndrome da disfunção cognitiva (SDC) é uma doença neurodegenerativa, que acomete animais idosos e indica declínio cognitivo (SILVA *et al.*, 2018). Acarreta alterações

sobretudo no sistema nervoso dos animais, causando principalmente sinais clínicos comportamentais (SCHIMANSKI *et al.*, 2019), tais como desorientação, mudanças na interação com pessoas ou outros animais, distúrbios nos padrões do sono e alteração de higiene, como urinar e/ou defecar em locais não habituais (HECKLER; SVICERO; AMORIM, 2011).

Para o tratamento são utilizados de recursos como, manejo ambiental a fim de evitar que os animais se machuquem, dieta específica onde se visa diminuir compostos oxidantes dos alimentos e medicações, objetivando retardar a evolução da enfermidade e oferecer uma melhor qualidade de vida ao paciente (SILVA *et al.*, 2018; SOUSA; SOUZA, 2019).

Na Tabela 11, é possível visualizar os atendimentos acompanhados no sistema musculoesquelético, distribuídos conforme local de atendimento e espécie.

Tabela 11 - Afecções do sistema musculoesquelético acompanhadas durante o período de estágio.

Afecção	HVF		HVUFU		HVM		Total (%)
	Canino	Felino	Canino	Felino	Canino	Felino	
Fratura	7	0	0	0	3	5	15 (60)
Luxação	3	0	0	0	1	0	4 (16)
Displasia coxo-femoral	1	0	0	0	1	0	2 (8)
Hérnia inguinal	0	0	0	0	2	0	2 (8)
Evisceração	1	0	0	0	0	0	1 (4)
Claudicação a esclarecer	0	0	0	1	0	0	1 (4)
Total (%)	12 (48)	0 (0)	0 (0)	1 (4)	7 (28)	5 (20)	25 (100)

As fraturas representam 60% dos casos. Na grande maioria, essas fraturas eram nos membros pélvicos e causadas por acidentes automobilísticos. Apenas em um caso a fratura foi proveniente de acidente doméstico, onde uma canina, SRD fraturou o membro torácico direito ao cair da cama.

O HVPO-UM contabilizou 48% dos atendimentos neste sistema, o que pode ser justificado pelo fato que, além do hospital ter uma casuística grande na rotina clínica, também atendia muitos casos de emergências, onde eram diagnosticadas fraturas e luxações presentes neste sistema.

Do mesmo modo, o Hospital Veterinário Florianópolis também contabilizou 48% dos casos neste sistema. O estabelecimento possui parceria com a diretoria do bem-estar animal da cidade de Florianópolis (DIBEA) e recebe os animais em situação de emergência resgatados

por esta instituição, o que pode justificar essa grande porcentagem.

Justificando ainda o fato que o Hospital Veterinário da UFU somou apenas 2% das afecções deste sistema, pode-se levar em consideração que os atendimentos passavam primeiramente por triagem, sendo assim os casos de fratura ou suspeita eram encaminhados diretamente ao setor de clínica cirúrgica.

Quanto ao sistema cardiovascular (Tabela 12), as cardiopatias somaram 92% da casuística. Essas afecções muitas vezes eram identificadas ainda no exame físico, através de alterações tal como o sopro cardíaco. Porém para chegar ao diagnóstico definitivo e realizar o estadiamento correto da afecção, se faz necessária uma análise mais profunda, através de exames como a ecocardiografia, por exemplo, o que nem sempre é possível, seja pela condição financeira do tutor ou pela indisponibilidade na realização do exame. Desta forma 42% das cardiopatias aqui descritas ficaram com o diagnóstico a esclarecer.

Tabela 12 - Afecções do sistema cardiovascular acompanhadas durante o período de estágio.

Afecção	HVF		HVUFU		HVM		Total (%)
	Canino	Felino	Canino	Felino	Canino	Felino	
Cardiopatias a esclarecer	5	1	2	0	2	0	10 (42)
DMVM ¹	2	0	3	0	1	0	6 (25)
DMVT ²	1	0	2	0	0	0	3 (13)
CMHF ³ a esclarecer	0	2	0	1	0	0	3 (13)
Hipertensão arterial	0	0	1	0	1	0	2 (8)
Total (%)	8 (33)	3 (13)	8 (33)	1 (4)	4 (17)	0 (0)	24 (100)

¹Degeneração Mixomatosa da Valva Mitral

²Degeneração Mixomatosa da Valva Tricúspide

³Cardiomiopatia Hipertrófica Felina

Na espécie canina, as valvulopatias crônicas representaram 38% da casuística, onde a Degeneração Mixomatosa da Valva Mitral (DMVM) somou seis casos e a Degeneração Mixomatosa da Valva Tricúspide (DMVT), três casos. Degeneração mixomatosa valvar, degeneração valvar crônica ou endocardiose é a principal afecção cardíaca observada na espécie canina (HENRIQUE *et al.*, 2013). Trata-se de uma patologia crônica em que ocorre alterações estruturais das válvulas cardíacas, mas especificamente o espessamento nodular dos folhetos valvares, e na maioria dos casos atingindo a valva mitral (GOMES JUNIOR *et al.*, 2009 e SANTOS, 2017). A ecocardiografia é considerada padrão ouro no diagnóstico dessa patologia

(HENRIQUE *et al.*, 2013).

Na espécie felina, a suspeita clínica de Cardiomiopatia Hipertrófica Felina (CMHF) foi a cardiopatia mais presente, somando 13% do total nesta espécie. A CMHF é caracterizada por um conjunto de alterações tais como distúrbio diastólico, hipertrofia concêntrica do ventrículo esquerdo e dilatação do átrio esquerdo (PASCON, 2015). Como sinais clínicos são observadas anormalidades respiratórias, associadas ou não a edema pulmonar e/ou efusão pleural, insuficiência cardíaca e paralisia aguda dos membros pélvicos, causada por tromboembolismo arterial (SILVEIRA *et al.*, 2015). Assim como na degeneração mixomatosa valvar, a ecocardiografia é considerada o exame complementar não evasivo mais importante para o diagnóstico dessa patologia (BRANQUINHO *et al.*, 2010).

Quanto ao sistema reprodutor (Tabela 13), foram acompanhadas principalmente afecções uterinas, que somaram 55% das afecções totais.

Tabela 13 - Afecções do sistema reprodutor acompanhadas durante o período de estágio.

Afecção	HVF		HVUFU		HVM		Total (%)
	Canino	Felino	Canino	Felino	Canino	Felino	
Piometra	2	2	0	0	7	0	11 (55)
Vaginite	0	0	1	0	1	0	2 (10)
Retenção fetal	0	0	1	0	0	1	2 (10)
Retenção de placenta	0	0	0	0	1	0	1 (5)
Acompanha- mento gravidez	0	0	1	0	0	0	1 (5)
Mucometra	0	0	0	0	1	0	1 (5)
Balonite	0	0	1	0	0	0	1 (5)
Hiperplasia prostática	0	0	1	0	0	0	1 (5)
Total (%)	2 (10)	2 (10)	5 (25)	0 (0)	10 (50)	1 (5)	20 (100)

A grande maioria dos casos de piometra descritos neste relatório foram acompanhados durante o estágio no HVM, totalizando 7 dos 11 casos totais. Muitos dos animais atendidos neste hospital não eram castrados, o que segundo Bianchi e Bertotti (2017) é o principal fator desencadeante da afecção, que se caracteriza por uma infecção uterina purulenta, que afeta principalmente fêmeas não castradas e de meia idade. Ocorre geralmente após o cio e acomete tanto cadelas como gatas, podendo levar a morte do animal (VALENTE, 2019). Podendo se manifestar de duas formas, aberta ou fechada, sendo a forma fechada considerada mais grave

(GARCIA; NOGUEIRA; PINHEIRO JÚNIOR, 2009; BIANCHI; BERTOTTI, 2017). Os sinais clínicos são inespecíficos e incluem apatia, anorexia, poliúria, polidipsia e em casos da forma aberta da afecção, corrimento vaginal mucopurulento a hemorrágico (DAVIDSON, 2015). Dentre fatores que predisõem essa infecção, pode-se citar o uso medicamentos abortivos e/ou anticoncepcionais (BIANCHI; BERTOTTI, 2017; LOPES; FERRANTE; PEREIRA JÚNIOR, 2018). O diagnóstico geralmente é feito através de exames laboratoriais e ultrassonografia abdominal (LOPES; FERRANTE; PEREIRA JÚNIOR, 2018) e o método de eleição para o tratamento é o cirúrgico, que consiste na retirada do útero e ovários (ovariohisterectomia) (VALENTE, 2019).

O HVPO-UM não dispunha de aparelho de ultrassom, sendo assim os casos suspeitos eram encaminhados a outra unidade do hospital que ficava na mesma cidade, ou para clínicas particulares.

Importante ressaltar a importância da castração eletiva nos animais domésticos, em que é possível evitar não somente crias indesejadas como também neoplasias, ou outras patologias principalmente as desencadeadas por hormônios.

Com relação ao sistema visual (Tabela 14), 50% dos atendimentos aconteceram no HVPO-UM, sendo os casos de úlcera de córnea e uveíte os que tiveram uma maior porcentagem, totalizando 60% dos casos atendidos neste sistema.

Tabela 14 - Afecções do sistema visual acompanhadas durante o período de estágio.

Afecção	HVF		HVUFU		HVM		Total (%)
	Canino	Felino	Canino	Felino	Canino	Felino	
Úlcera de córnea	0	1	0	0	2	0	3 (30)
Uveíte	0	0	1	0	2	0	3 (30)
Prolapso ocular	1	1	0	0	0	0	2 (20)
Dacriostenose	1	0	0	0	0	0	1 (10)
Glaucoma	0	0	0	0	1	0	1 (10)
Total (%)	2 (20)	2 (20)	1 (10)	0 (0)	5 (50)	0 (0)	10 (100)

Um caso específico de paciente com uveíte associada ao caso de glaucoma aqui descrito, foi diagnosticado em um cão da raça Akita, e teve diagnóstico presuntivo de síndrome uveodermatológica (SUD). A SUD é uma doença autoimune rara em que ocorre aparecimento

de sinais clínicos relacionados ao sistema oftálmico, tegumentar e ocasionalmente nervoso. Descrita pela primeira vez em cães da raça Akita no Japão, acredita-se que há predisposição por esta raça por influência de fatores genéticos e hereditários, porém há relatos na literatura em cães de outras raças (DE BARTOLO *et al.*, 2019 e OLIVEIRA; SEZYSHTA; ALCÂNTARA, 2019; OLIVEIRA *et al.*, 2020). O tratamento é baseado na associação de fármacos imunossupressores como corticosteróides, azatioprina e colírios e deve ser mantido até o fim da vida do animal (DE BARTOLO *et al.*, 2019; OLIVEIRA; SEZYSHTA; ALCÂNTARA, 2019; OLIVEIRA *et al.*, 2020).

Dentre as afecções do sistema respiratório (Tabela 15) a condromalácia traqueal foi a afecção mais diagnosticada na espécie canina, representando 33% do total. Os diagnósticos foram realizados de maneira presuntiva, através dos sinais clínicos e histórico do paciente. Na espécie felina a afecção de maior incidência foi o Complexo Respiratório Felino (CRF) somando 22% dos casos.

Tabela 15 - Afecções do sistema respiratório acompanhadas durante o período de estágio.

Afecção	HVF		HVUFU		HVM		Total (%)
	Canino	Felino	Canino	Felino	Canino	Felino	
Condromalácia traqueal	1	0	0	0	2	0	3 (33)
CRF ¹	0	0	0	1	0	1	2 (23)
Síndrome braquicefálica	1	0	0	0	0	0	1 (11)
Pneumonia	0	0	1	0	0	0	1 (11)
Sinusite	0	0	0	0	1	0	1 (11)
Edema pulmonar por esforço	0	0	0	0	1	0	1 (11)
Total (%)	2 (22)	0 (0)	1 (11)	1 (11)	4 (45)	1 (11)	9 (100)

¹Complexo Respiratório Felino

O CRF é uma enfermidade infectocontagiosa com alta prevalência em felinos, principalmente em animais que vivem em gatis. Comumente associada a quatro principais agentes, *Herpesvirus*, *Calicivirus*, *Chlamydophila felis* e *Bordetella bronchiseptica*, acomete principalmente o trato respiratório superior e oftálmico dos felinos, gerando sintomas como rinite, sinusite, conjuntivite e secreção nasal e ocular. A transmissão ocorre através do contato direto com animais ativamente infectados e/ou fômites. O tratamento é sintomático, deve se garantir a nutrição e hidratação do paciente e pode incluir mucolíticos, anti-inflamatórios e

antibióticos sistêmicos e/ou tópicos, porém na maioria das vezes a doença é autolimitante (LARA, 2012, DA SILVA, 2019).

O sistema endócrino foi o sistema de menor casuística, representando apenas 2% do total. Dentre as enfermidades diagnosticadas, a obesidade correspondeu a 50% das afecções neste sistema como pode ser observado na Tabela 16.

Tabela 16 - Afecções do sistema endócrino acompanhadas durante o período de estágio.

Afecção	HVF		HVUFU		HVM		Total (%)
	Canino	Felino	Canino	Felino	Canino	Felino	
Obesidade	0	0	0	0	3	0	3 (50)
Hiperadrenocorticismo	0	0	1	0	1	0	2 (33)
Diabetes a esclarecer	0	0	0	0	1	0	1 (17)
Total (%)	0 (0)	0 (0)	1 (17)	0 (0)	5 (83)	0 (0)	6 (100)

Segundo Silva *et al.* (2017), a obesidade é uma condição patológica definida por acúmulo excessivo de tecido adiposo no corpo o que leva a alterações nas funções fisiológicas do organismo, sendo capaz de prejudicar a saúde e o bem-estar do animal. Pode ocorrer em consequência de um desequilíbrio entre energia consumida e energia gasta, fornecimento excessivo de carboidratos, sedentarismo, além de problemas endócrinos. Estima-se que a obesidade acomete um em cada três cães adultos, podendo acarretar no desenvolvimento de várias patologias, tais como diabetes mellitus, osteoartrites e afecções urinárias (JERICÓ *et al.*, 2018). Como tratamento, geralmente é indicado diminuição na quantidade de calorias ingeridas e indicação de atividades físicas. Porém deve-se levar em conta sempre as necessidades e particularidades de cada paciente (GUIMARÃES; TUDURY, 2006).

Classificados como “outros” neste relatório foram contabilizados os casos que não se encaixam em um sistema específico ou não fazem parte de uma especialidade, como mostra a Tabela 17.

Tabela 17 – Outros atendimentos acompanhados durante o período de estágio.

Afecção	HVF		HVUFU		HVM		Total (%)
	Canino	Felino	Canino	Felino	Canino	Felino	
Consulta pós resgate	0	0	0	0	0	4	4 (33)
Tríade neonatal	0	0	0	0	0	3	3 (25)
Acidente ofídico	2	0	1	0	0	0	3 (25)
Reação a picada de inseto	1	0	1	0	0	0	2 (17)
Total	3 (25)	0 (0)	2 (17)	0 (0)	0 (0)	7 (58)	12 (100)

Três casos acompanhados no HFM tratavam-se de felinos neonatos levados para avaliação após serem resgatados na rua, felizmente estes estavam em ótimas condições e foram liberados. Do mesmo modo foram acompanhados três casos de tríade neonatal, também em felinos, onde estes infelizmente, mesmo sendo realizado todo o suporte necessário, como fluidoterapia, aquecimento corpóreo e reposição calórica com glicose, vieram a óbito devido ao estado crítico em que se encontravam.

Foram classificados também nesta categoria três casos de acidente ofídico na espécie canina, onde dois foram acompanhados no HVF, tratando-se de serpentes do gênero *Bothrops* e um caso no hospital veterinário da UFU, do gênero *Crotalus*. Em todos os casos foi utilizado soro antiofídico polivalente e realizado tratamento de suporte como fluidoterapia, analgesia e antibioticoterapia de amplo espectro.

Segundo Ceron *et al.* (2019), a maioria dos casos de acidentes ofídicos ocorridos no estado de Santa Catarina são do gênero *Bothrops*, justificando assim os dois atendimentos acompanhados no HVF. Ainda, um estudo realizado por Borges *et al.* (2020) constatou uma maior prevalência de acidentes ofídicos com serpentes do gênero *Crotalus* em três cidades próximas à região de Uberlândia em MG, ponderando assim o caso atendido no HVUFU.

Dois casos leves de reação alérgica a picada de insetos, também foram acompanhados, onde os médicos veterinários responsáveis prescreveram anti-inflamatório e anti-histamínico, obtendo sucesso no tratamento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio curricular obrigatório proporcionou, por meio da inclusão de uma rotina prática, aprimorar o conhecimento teórico adquirido durante a graduação. Além disso, possibilitou ao discente vivenciar a realidade da área de interesse, através de contato com tutores, profissionais e situações diferentes, estimulando o raciocínio clínico e moldando desta forma sua conduta profissional.

A escolha de mais de uma concedente foi de suma importância, pois possibilitou vivenciar as divergências presentes na área escolhida. Foi possível observar situações diferentes, como por exemplo interesse financeiro ou social das concedentes, o perfil regional das doenças, as diferentes condições socioeconômicas dos tutores, a conduta clínica de cada profissional acompanhado e a disponibilidade ou não de exames complementares, o que influencia diretamente no sucesso da resolução do caso.

Por fim, o estágio curricular obrigatório contribuiu para o progresso acadêmico do graduando, cumprindo plenamente seu objetivo que é integrar o discente à área de atuação escolhida, incentivando a vivência prática e colaborar para a formação acadêmica do mesmo.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZERRA, P.I.F. **Ocorrência de Sarnas em Cães Domiciliados no Município de Patos, Paraíba**. 2013. 42p. (Monografia - Saúde e Tecnologia Animal). Universidade Federal de Campina Grande, Patos, 2013.

BIANCHI, R.; BERTOTTI, S.C. Piometra em Cadelas. **Revista Anuário Pesquisa e Extensão Unoesc Xanxerê**, v. 2, p.1-2, 2017.

BORGES, M.E.F. *et al.* Levantamento de Casos de Acidentes Ofídicos nas Cidades de Abadia dos Dourados, Estrela do Sul e Iraí de Minas. **Revista GETEC**. v.8, n.22, p.1-17, 2020.

BRAGA, P.F.S; IASBECK, J.R; DE ALMEIDA, L.P. Fatores Associados a Gastroenterite em Cães. **Revista MV&Z**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 73-73, 2014.

BRANQUINHO. J. *et al.* Diagnóstico Imagiológico de Cardiomiopatia Hipertrófica. **Revista Lusófona de Ciência e Medicina Veterinária**, v.3, p. 36-44, 2010.

CERON, K. *et al.* Acidentes Ofídicos no Estado de Santa Catarina, Brasil. **Oecologia Australis**. v.23, n.1, p.56-65, 2019.

COSTA, F.V.A. Contribuição ao Estudo da Doença do Trato Urinário Inferior Felino (DTUIF): Revisão de Literatura. **MEDVEP. Rev. Cient. Med. Vet.**, Curitiba, v. 7, n. 23. p. 448-463, Dez., 2009.

CRIVELLENTI, L.Z. Doença do Trato Urinário dos Felinos (DTUIF). In: CRIVELLENTI, L.Z.; CRIVELLENTI, S.B. **Casos de Rotina em Medicina Veterinária de Pequenos Animais**. 2.ed. São Paulo: MedVet, p. 422-426, 2015.

DA SILVA, J.I.M.J.S.M.B. **Complexo Respiratório Felino: Relato de Caso**. 2019. 44p. (Monografia- Centro de ciências agrarias). Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cruz das Almas, 2019.

DAVIDSON, A.P. Distúrbios do Sistema Reprodutor. In: NELSON, R.W.; COUTO, C.G.

Medicina Interna de Pequenos Animais. 5.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, p. 2741-2757, 2015.

DE BARTOLO, A.O. *et al.* Síndrome Uveodermatológica em um Cão da Raça Akita – Relato de Caso. **Revista Científica de Medicina Veterinária do Centro Universitário UNICEPLAC**. Brasília, v.5, n.1, 2019.

DIBARTOLA, S.P.; WESTROPP, J.L. Doenças do Trato Urinário. In: NELSON, R.W.; COUTO, C.G. **Medicina Interna de Pequenos Animais**. 5.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, p. 2043-2061, 2015.

FERRARI, M.L.O.P. *et al.* Sarna Sarcóptica em Cães. **Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária**, Garça, v. 6, n. 10, p. 1-5, 2008.

GARCIA, C.Z.; NOGUEIRA, A.R.; PINHEIRO JÚNIOR, O.A. Piometra Aberta em Cadela – Relato de Caso. **Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária**. Garça, n. 7, v.13, p. 1-6, 2009.

GOMES JUNIOR, D.C. *et al.* Degeneração Valvar Crônica em Canino - Relato de Caso. **Revista PUBVET**, Londrina, v.3, n. 36, p. 1-4, 2009.

GUIMARÃES, A.L.N.; TUDURY, E.A. Etiologias, Consequências e Tratamentos de Obesidades em Cães e Gatos - Revisão. **Revista Veterinária Notícias. Uberlândia**, v.12, n.1, p. 29-41, 2006.

HECKLER, M.C.T.; SVICERO, D.J.; AMORIM, R.M. Síndrome da Disfunção Cognitiva em Cães. **Revista Clínica Veterinária**, Cotia, v. 90, p. 70-74, 2011.

HENRIQUE, B.F. *et al.* O Que Há de Novo na Degeneração Mixomatosa da Valva Mitral em Cães? **Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária**, Garça, v. 11, n. 20, p. 1-13, 2013.

JERICÓ, M.M. *et al.* Obesidade Canina e Felina. **Associação Brasileira de Endocrinologia Veterinária**. p. 40. 2018. Disponível em: https://vetsmart-parsefiles.s3.amazonaws.com/63ed1193d11ff778e46c342651cada12_streaming_attachment.p

df. Acesso em 24 de abril de 2021.

LARA, M.V. Complexo Respiratório Felino: Principais Agentes Infecciosos. **ARS Veterinária**. Jaboticabal, SP, v.28, n.3, 169-176, 2012.

LEITÃO, L.M.M. *et al.* Detecção de Erliquiose por meio da PCR em Cães Atendidos no Hospital Veterinário “Dr. Halim Atique”, São José do Rio Preto-SP. **Revista MV&Z**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 31-32, 2011.

LOPES, P.A.; FERRANTE, M.; PEREIRA JÚNIOR, C.M. Avaliação Ultrassonográfica das Afecções Uterinas em Cadelas. In: Encontro Anual de Iniciação Científica, 27º, 2018, Maringá. (Anais).

OLIVEIRA, A.T.C. *et al.* Abordagem Clínica, Diagnóstica e Terapêutica da Síndrome Uveodermatológica em Cães: Uma Revisão. **Revista Brasileira de Higiene e Sanidade Animal. Fortaleza**, v. 14, n. 2, 2020.

OLIVEIRA, B.F.S. **Existe Concordância Entre o Nested PRC e o 4Dx® Plus no Diagnóstico de Erliquiose Canina?** 2019. 40p. (Dissertação- Ciências Agrárias). Universidade Federal do Espírito Santo, 2019.

OLIVEIRA, L.B.; SEZYSHTA, A.; ALCÂNTARA, M.A. Síndrome Uveodermatológica em Cão – Relato de Caso. **Revista Eletrônica Biociências, Biotecnologia e Saúde**, Curitiba, n.20, 2019

PASCON, J.P.E. Cardiomiopatia Hipertrófica Felina. In: CRIVELLENTI, L.Z.; CRIVELLENTI, S.B. **Casos de Rotina em Medicina Veterinária de Pequenos Animais**. 2.ed. São Paulo: MedVet, p. 66-68, 2015.

PETRUCCI, E. Características do Clima de Uberlândia-MG: Análise da Temperatura, Precipitação e Umidade Relativa. 2018 Dissertação (Mestrado- Programa de Pós-Graduação em Geografia), Universidade Federal de Uberlândia. 2018.

SANTOS, J.F.S. **Principais Métodos de Diagnóstico para Degeneração Valvular**

Mixomatosa em Cães: Revisão Sistemática. 2017. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Estadual Paulista. Araçatuba, 2017.

SCHIMANSKI, L. *et al.* Síndrome da Disfunção Cognitiva em Cães – Do Diagnóstico ao Tratamento. **Revista Investigação**, São Paulo, v. 18, n. 6, p. 28-34, 2019.

SILVA, B.C. *et al.* Síndrome da Disfunção Cognitiva Canina: Revisão de Literatura. **Revista Acadêmica Ciência Animal**, Curitiba, v. 16. p. 1-8, 2018.

SILVA, I.P.M. Erliquiose Canina – Revisão de Literatura. **Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária**, Garça, v. 8, n. 24, p. 1-15, Jan., 2015.

SILVA, R.R. *et al.* Corpo Estranho Linear em Felino: Relato de Caso. *Revista Saúde-UNGSER*. v.13, n.2. 2019.

SILVA, S.F. *et al.* Obesidade Canina: Revisão. **Revista PUBVET**. Londrina, v. 11, n.4, p.371-380, 2017.

SILVEIRA, J.A.M. *et al.* Cardiomiopatia Hipertrófica Felina: Aspectos Relevantes. **Revista Brasileira de Higiene e Sanidade Animal**, Fortaleza, v. 9, n. 3, p. 465-476, 2015.

SOUSA, A.V.; SOUZA, L.F. C.B. Síndrome da Disfunção Cognitiva em Cães – Revisão de Literatura. **Ciência Veterinária UniFil**, Londrina, v. 1, n. 3, p. 121-137, 2019.

SPEGIORIN, R.; DURLO, T.P. Sarna Democécica em Cão Adulto: Relato de Caso. **Revista PUBVET**, Londrina, v. 13, n. 5, p. 166, Maio, 2019.

STERMAN, F.A.; MATERA, J.M.; STOPIGLIA, A.J. Retrospectiva de Casos de Corpos Estranhos no Tubo Digestivo de Gatos. **Ciência Rural**. v.27, n.4, p. 625-628. 1997.

VALENTE, I.C.R. **Piometra em Cadelas.** 2019. 97p. (Tese de Mestrado). Universidade de Évora. 2019.